

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Homens em (des)construção e Vivências Plurais da Sexualidade

Daniela Moreira Sá

M

2022



Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

HOMENS EM (DES)CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIAS PLURAIS DA SEXUALIDADE

Daniela Moreira Sá

Outubro, 2022

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Sara Isabel Magalhães*** (FPCEUP) e coorientada pelo Professor Doutor Luís Santos (UFP)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

*Não nascemos homens,
tornamo-nos Modelamo-
nos Conscientemente
Questionamo-nos:
O que faz de mim homem?
Que homem eu quero ser?
E aquilo que somos está
entre o que nos formou e o
que queremos Porque
somos o querer
Somos pulsantes querereres
Todos nós
(...)*

Caio Tedesco (2019)

Resumo

As masculinidades dissidentes às vozes ditadas pela Hegemonia são continuamente subjugadas e deslocadas para existências (masculinas) ditas como inferiores. Limitadas por forças ora internas, ora externas, estas subjetividades navegam no social em espaços de poder inferiores aos masculinos enquadrados nas premissas dominantes. Em conformidade com o supramencionado, o presente estudo pretende aprofundar acerca dos masculinos que, em corpos cisgênero se constroem nas margens da hegemonia. Deste modo, pretende-se analisar duas das suas dimensões existências – a(s) sua(s) identidade(s) e sua(s) vivência(s) sexuais(s), formulando acerca das suas construções identitárias, a relação que estabelecem com a hegemonia e seus discursos dominantes e como perspetivam, exercem e negociam a(s) sua(s) sexualidade(s). Para esse efeito foram realizadas 9 entrevistas, no formato semiestruturado, a indivíduos com idades compreendidas entre os 35 e os 59 anos. Através da articulação dos discursos dos participantes, compreende-se que suas trajetórias individuais são atravessadas por continuidades hegemónicas, formulando as suas subjetividades em movimentos de encontro e desencontro para com as forças opressoras da hegemonia. Sob contínuas desconstruções e (re)construções identitárias, a vivência integral destes masculinos, tal como das suas sexualidades contrastam com a performance exigida pelo patriarcado em diversas frentes. A integração do feminino em suas identidades é nuclear para a construção de novas ordens simbólicas e novos discursos que, por sua vez, formulam novas práticas relacionais, e se estendem inclusive para o âmbito da sexualidade. Ao subverterem o cenário de regulação dominante, as suas existências são, por si só, um contradiscurso, contudo como suas vivências envolvem-se de conflitos identitários, a solidão emerge frequentemente como consequência.

Palavras-chave: Homens, Masculinidade Hegemónica, Sexualidades, Masculinidades Dissidentes, Discursos

Abstract

Masculinities dissidents to the dictating voices of Hegemony are continually subjugated and displaced into so-called inferior masculine existences. Limited by forces that are sometimes internal, sometimes external, these subjectivities navigate into the social in inferior spaces of power, compared to the masculine framed in the dominant premises. In accordance with the aforementioned, the present study intends to deepen about the masculine that, in cisgender bodies, are built on the margins of hegemony. In this way, we intend to analyze two of their existential dimensions - their identity(ies) and their sexual experience(s), formulating about their identity constructions, the relationship they establish with hegemony and its dominant discourses and how they perspective, exercise and negotiate their sexuality(ies). For this purpose, 9 interviews were conducted, in a semi-structured format, with individuals between the ages of 35 and 59. Through the articulation of the participants' discourses, it is understood that their individual trajectories are crossed by hegemonic continuities, formulating their subjectivities in movements of encounter and discounter towards the oppressive forces of hegemony. Under continuous deconstructions and identity (re)constructions, the integral living of these masculine, like their sexualities, contrast with the performance demanded by patriarchy on several fronts. The integration of the feminine in their identities is nuclear to the construction of new symbolic orders and new discourses that, in turn, formulate new relational practices, and extend even to the realm of sexuality. By subverting the dominant regulatory scenario, their existences are, in themselves, a contra-discourse, however, as their experiences involve identity conflicts, loneliness often emerges as a consequence.

Keywords: Men, Hegemonic Masculinity, Sexualities, Dissident Masculinities

Résumé

Les masculinités qui s'opposent aux voix dictatrices de l'Hégémonie sont continuellement subjuguées et déplacées dans des existences (masculines) dites inférieures. Limitées par des forces internes et externes, ces subjectivités naviguent dans le social dans des espaces de pouvoir inférieurs à ceux des hommes encadrés par les prémisses dominantes. Conformément à ce qui précède, cette étude vise à approfondir les masculinités qui, dans les corps cisgenres, se construisent en marge de l'hégémonie. De cette manière, nous avons l'intention d'analyser deux de leurs dimensions existentielles - leur(s) identité(s) sexuelle(s) et leur(s) expérience(s) sexuelle(s), en formulant des commentaires sur leurs constructions identitaires, la relation qu'ils établissent avec l'hégémonie et ses discours dominants et la manière dont ils perçoivent, exercent et négocient leur(s) sexualité(s). À cette fin, 9 entretiens, sous forme semi-structurée, ont été menés avec des personnes âgées de 35 à 59 ans. À travers l'articulation des discours des participants, on comprend que leurs trajectoires individuelles sont traversées par des continuités hégémoniques, formulant leurs subjectivités dans des mouvements de rencontre et de décalage vis-à-vis des forces oppressives de l'hégémonie. Sous l'effet de déconstructions et de (re)constructions identitaires continues, la vie intégrale de ces masculinités, comme leurs sexualités, contrastent avec la performance exigée par le patriarcat sur plusieurs fronts. L'intégration du féminin dans leurs identités est nucléaire pour la construction de nouveaux ordres symboliques et de nouveaux discours qui, à leur tour, forment de nouvelles pratiques relationnelles, et s'étendent même à la sphère de la sexualité. En subvertissant le scénario de la régulation dominante, leurs existences sont en elles-mêmes un contre-discours, cependant, comme leurs expériences impliquent des conflits d'identité, la solitude émerge souvent comme une conséquence.

Mots-clés : Hommes, Masculinité hégémonique, Sexualités, Masculinités dissidentes

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Masculinidade Hegemónica.....	5
Poder	6
Masculinidade(s) Não Hegemónica(s).....	8
Discursividade da(s) Masculinidade(s).....	11
Vivência(s) masculina(s) da(s) Sexualidade(s).....	14
Método.....	19
Objetivos de investigação	19
Amostra.....	19
Procedimento de Recolha de Dados	20
Procedimento de Análise de Dados	21
Análise e discussão dos resultados	22
A Armadura	22
Repressão Emocional.....	24
Existências Paradoxais	27
O outro lado do Privilégio.....	31
Negociações com a “Ditadura” Sexual.....	34
Além dos <i>scripts</i> sexuais.....	37
Os ecos da Pornografia.....	40
Do impelido para o sentido	42
Considerações finais	45
Conclusão	47
Referências Bibliográficas.....	48
Anexo 1.....	56
Anexo 2.....	58

Introdução

Dentro de um lugar no feminino, as existências do(s) masculino(s) nunca me foram alheias. Os seus silêncios ensurdecedores, que ecoavam em seus corpos e suas existências, eram por mim reconhecidos nas mais diversas trocas que efetuava com o(s) masculino(s). Posicionando-me enquanto feminista, reconheço que a vivência da(s) masculinidade(s) impacta, por via direta, a(s) vivência(s) da(s) feminilidade(s). E, admitindo que as lutas do(s) masculino(s) são também minhas porquanto existimos num mesmo espaço, a escolha desta temática reveste-se de uma demanda intra e interpessoal. Deste modo, uma maior compreensão do(s) masculino(s) auxilia (des)construções e (re)construções associadas aos géneros e às relações entre estes. Ao procurar uma visão mais holística do(s) Homen(s), procuro incentivar trocas afetivas e sociais que constroem e alimentam a diversidade.

Estudar o(s) Homen(s)¹ não é uma realidade inovadora. Ao longo da trajetória humana e dentro dos contextos académicos, o Homem foi um constante objeto teórico de análise. Foram vários os marcos que ao longo do século XX formaram as bases para as análises atuais das masculinidades, sendo que a construção conceptual do género foi um precursor essencial que, no decorrer da fundação das ciências sociais no mundo ocidental, desencadeou teorias, compreensões e verdades do(s) Homem(s) e da(s) masculinidade(s) (Whitehead, 2001). Parece, pois, que a(s) masculinidade(s) atravessaram a modernidade em fuga de si mesmas, movendo-se numa “dança fingida da masculinidade” (Barker, s.d, citado por Marques, 2021, p. 19) aprisionando-se e ao coletivo numa ordem ilusoriamente íntegra. Ao propor olhar para as masculinidades, não intento dirigir o foco, novamente, para as hegemonias. Tenciono, sim, enquadrar um espaço para as masculinidades que se desprendem desses moldes, oferecendo-lhes e tecendo-lhes um lugar de fala. Ao expor a articulação desses discursos, e dos silêncios que os permeiam, visio conceder-lhes um espaço e visibilidade às suas existências.

Juntos dos homens, e através de seus pontos de vista, procuro olhar para a existência a partir de um lugar no masculino e, apurar de que são feitas as suas lutas. *De que múltiplas formas se constrói o masculino? Como rompem com os moldes hegemónicos? Que lugar ocupam neste paradigma social? Quais são os desafios atuais e, como estes se interligam com os velhos? Como se carregam sexualmente? Como subvertem as matrizes sexuais dominantes?*

¹ Por homem entendo todo o sujeito que se identifica com o género masculino, contudo por especificidades do estudo (que irão ser abordadas posteriormente) irei debruçar-me apenas no homem cisgénero. O significado desta escolha não se prende, portanto, com a invisibilização das identidades de género divergentes, nem com a promoção do binarismo categórico, mas, com uma escolha estratégica para a investigação.

Enquadramento Teórico

A compreensão binária do ser humano criou, por várias décadas, uma visão dicotómica do que é ser homem vs que é ser mulher e atravessa a relação desigual estabelecida entre ambos os géneros. Foi especialmente na década de 60/70, no seio da segunda vaga feminista, que as masculinidades e a relação entre géneros passou a ser perspectivada através de um outro prisma, um que não era “cego” às desigualdades inerentes a esta relação e às suas dinâmicas. Esta nova visão surgiu com a teorização do conceito de *patriarcado* que, de acordo com o movimento feminista representava a estrutura existente na sociedade que sustentava a relação dispar entre homem e mulheres, masculinidade e feminilidade. “A nossa sociedade, como todas as outras civilizações históricas é patriarcal, uma forma de organização societal, na qual metade da população, que é feminina é controlada pela outra metade, que é masculina” (Millet, 1970, p. 25). Assim, surgem novas reflexões, teses e conceitos que abrem portas a uma nova política sexual e direcionam a análise de poder de género para a linha da frente das análises feministas. Compreende-se, portanto, que foi através do olhar feminino que a vivência da masculinidade ganhou novos contornos alterando, até aos dias de hoje, a forma como este conceito é percebido e experienciado. (...) “A misoginia criou a teoria feminista, e as teorias feminista ajudaram a criar a masculinidade” (Gardiner, 2005, p.36).

Assim, movidas pelo objetivo de dar resposta às teorias sociais do androcentrismo tradicional, duas correntes feministas destacam-se no contexto do movimento feminista de segunda vaga - o feminismo radical e o feminismo social.

O feminismo radical compreendia a opressão dirigida às mulheres – patriarcado – como a forma mais primordial de opressão, uma vez que esta atravessou diferentes épocas e estende-se além da etnia, classe e cultura sob a qual está imersa. Desta forma, esta corrente pretendia navegar contra os modelos masculinos que foram teorizados até então, uma vez que estes apenas enfatizam a diferença entre homem e mulher.

As suas teses comportavam influências de diversos autores, destacando-se, por exemplo, Simone de Beauvoir (1949). Simone estendeu-se sobre a realidade feminina nas sociedades patriarcais, defendendo que esta era predeterminada por fatores sociais e não somente por fatores biológicos, como se fundamentou até então. “A mulher não é definida nem pelas suas hormonas nem por misteriosos instintos, mas pela forma como agarra, através de consciências estrangeiras, o seu corpo e a sua relação com o mundo” (Beauvoir, 1949, p. 856). A sua conceptualização concebe as mulheres enquanto seres sociais embebidos numa estrutura social desigual na qual, de forma mais direta ou indireta, são orientadas a assumir um estatuto ao invés

de outro. Outros autores, como Kate Millet (1970) reforçaram o pressuposto de que os papéis de género são fruto de um processo de socialização. (...) “Através da socialização dos papéis sexuais, a família encoraja os membros a ajustarem-se e a conformarem-se às ideologias e práticas patriarcais” (Messerschmidt, 2018, p.3).

Posto isto, é notório que a premissa do feminismo radical passa pela ênfase dada à natureza social do patriarcado e das relações de género intrínsecas ao mesmo. Os conceitos que dirigem o pensamento desta corrente passam, portanto, pelo sexo, género, sexualidade e violência, dirigindo o foco do movimento para a compreensão da causa desta dominância. “A concentração de Millet no poder social dos homens rapidamente se tornou o essencialismo biológico de posteriores académicos feministas” (Messerschmidt, 2018, p.3). Contudo, ao tentar libertar-se das amarras dos modelos masculinos pré-estabelecidos, este movimento acabou por substituí-los por outro modelo - que, assentando na categorização dos géneros, interpreta os homens enquanto símbolo de opressão feminina. Encarados como elementos constituintes da estrutura patriarcal e, como razão da condição subalterna da mulher, em suas visões, o(s) masculino(s) são perspetivados como detendo, tendencialmente, uma natureza agressiva/violenta. Assim, no seio do referido movimento feminista, produz-se uma espécie de celebração e defesa da superioridade feminina, uma vez que se classifica o género feminino como o género que detinha características “superiores” a nível biológico, psicológico, etc. (...) “tudo - desde o local de trabalho até ao quarto - que é "feminino" é bom e tudo "masculino" é mau (Echols 1989; Eisenstein, 1983 citado por Messerschmidt, 2018, p. 7). A ênfase do movimento retorna, assim, a um cariz biológico, o que reforça a categorização de géneros e cria espaço para dinâmicas de subjugação de um género para com o outro. “Uma mudança significativa no pensamento feminista radical surgiu então nas décadas de 1970 e 1980: a ênfase passou da natureza social do patriarcado através da socialização do papel do sexo para o essencialismo biológico como base do patriarcado” (Messerschmidt, 2018, p.8)

Do outro lado do espectro, o Feminismo Socialista desbravava, em paralelo, caminhos importantes na compreensão do universo das masculinidades e das relações de géneros. Politicamente comprometidas com a ideologia marxista, esta corrente focou-se no estudo da opressão feminina através das suas categorias e entendimentos. Em suas análises, o patriarcado era concetualizado como um sistema com as suas próprias formas de subordinação que, ainda que independentes das do capitalismo, interagiam entre si, perpetuando e sustentando a manutenção da dominância masculina (Messerschmidt, 2018).

O feminismo socialista foi sustentado por diversos autores, dos quais se destacam, por exemplo, Margaret Benston (1969) que se debruçou sobre a relação entre a mulher e os sistemas

de reprodução do contexto capitalista. Sob a sua lente, o paradigma económico que se estabelecia sustentava a subordinação feminina, dado que o seu trabalho era reservado ao espaço doméstico, sendo considerado apenas reprodutivo e não produtivo. (...) “a base material da subordinação das mulheres encontra-se no facto de que o trabalho reprodutivo das mulheres em casa não é considerado trabalho real” (Messerschmidt, 2018, p.10).

Estes pressupostos teorizam a divisão sexual do trabalho, bem como do trabalho doméstico e pressupõem uma configuração de mercado e de trabalho que se sustenta num contrato social. Este contrato alimenta, mutuamente, o sistema patriarcal e o sistema capitalista, que assentam em relações de poder. “Embora o patriarcado existisse antes do capitalismo, Rowbotham argumentou que, sob um modo de produção capitalista, o patriarcado desenvolve uma configuração historicamente específica. Enquanto o capitalismo “se reduziu” a certos aspetos do domínio masculino (por exemplo, o trabalho feminino no mercado enfraquece o domínio económico dos homens sobre as mulheres na família), o patriarcado, continua Rowbotham, ainda “manteve o domínio dos homens sobre as mulheres na sociedade”. Esta dominação continua a permear a vida económica, legal, social e sexual” (Messerschmidt, 2018, p.11). Desta forma, é visível que estas (e outras) correntes, revestem-se de um carácter essencialmente intervencionista, no sentido em que assinalam e denunciam as desigualdades que se encontram socialmente enraizadas. Ao dar-se luz a discursos científicos que veiculam imagens distorcidas da mulher sob mensagens de foro opressivo, abre-se espaço para novas reflexões, fundamentais para uma sociedade mais justa e igual.

Todavia, múltiplas críticas foram dirigidas à forma como estes movimentos teorizaram o *patriarcado*, posto que o equacionam como um sistema categorial, internalizando os conceitos de género como categorias dadas, sem refletir sobre o(s) motivo(s) de se apresentarem dessa forma. Assim, concentravam o universo de género em duas categorias que se contrastam, ao invés de se reconhecer a diversidade que compreende cada uma delas. Esta linha de pensamento gera compreensões binárias e estanques, por não acolher os diferentes modos de existir dentro (e para além) dessas categorias.

“Ao concentrarem-se nas alegadas diferenças entre duas categorias, as feministas radicais e socialistas não consideraram as variações entre os homens, concentrando-se antes num alegado “macho típico, como se um tal macho pudesse ser empiricamente encontrado para representar todos os homens” (Messerschmidt, 2018, p. 14).

Sob uma lente essencialmente caucasiana e heteronormativa, as suas teses excluía(m) esferas de interseção com dimensões como etnia, classe social, identidade/ orientação sexual, idade etc. A partir disto, criam-se modelos unidimensionais que submergem homens e mulheres a categorias específicas que predizem os modos “típicos” com que podem existir. Este é um entendimento que os circunscreve a experiências consideradas externamente representativas dessas categorias em que se encontram, fechando-lhes as portas à diversidade inerente do que é ser-se humano.

O patriarcado – a base dos dois movimentos – é, assim, posto em perspetiva ao longo da década de 80 por ser considerado por diversos/as teóricos/as como um construto a-histórico, a-político e homogéneo. Por não considerar as especificidades culturais, este conceito torna-se demasiado lato e abstrato para ajudar a compreender a Ordem de Género (Ozyegin, 2018). Por esta mesma altura, formula-se a distinção entre género e sexo, compreendendo a importância da variável cultural na formulação das identidades e relações de género. (...) “foi a cultura - mais do que o corpo - que em meados dos anos 80 se tornou determinante no que diz respeito às alegadas diferenças entre homens e mulheres” (Budgeon, 2015, p. 246). Diante da influência destas novas formulações, o movimento feminista começa a dirigir-se pelos conceitos de género e relações de género, ao invés de patriarcado, tornando-se este o seu novo objeto teórico.

Raewyn Connell (1985) foi uma das primeiras teóricas a orientar o foco para as relações de género em vez de patriarcado, sem cair em determinismos categóricos e biológicos. A sua teoria tinha a capacidade de "compreender o entrelaçamento de vidas pessoais e estrutura social" (Messerschmidt, 2018, p. 22). Esta mudança de paradigma fez-se acompanhar da emergência do conceito *Masculinidade Hegemónica*.

Masculinidade Hegemónica

Este conceito alude para a relação de poder desigual entre o género masculino e o género feminino, masculinidade e feminilidade e entre masculinidades. Como Connell (1987, p.187) o consagra: “A masculinidade hegemónica é sempre construída em relação a várias masculinidades subordinadas, bem como em relação às mulheres”.

Compreendendo a(s) masculinidade(s) como práticas que se materializam através da ação social, isto é, que não são traços identitários fixos inerentes ao ser masculino percebemos que a masculinidade hegemónica é também um processo que se concretiza através das dinâmicas sociais.

“A "Masculinidade" não é uma entidade fixa incorporada nos traços do corpo ou da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de prática que se realizam na ação social e, portanto, podem diferir de acordo com as relações de gênero num determinado contexto social" (Messerschmidt, 2018, p.35).

Esta forma de ser masculino estabelece-se através de relações de poder, logo é através da dinâmica de subordinado e subordinante que este termo ganha vida, sendo comumente, direcionada do homem para mulher, mas igualmente orientada de homem para homem. Assim sendo, e de acordo com Connel (1987), esta prática sustenta-se nas relações que se estabelece com as

“Masculinidades não hegemônicas e nas relações que se estabelece com as feminilidades enfatizadas que, ao se conformar com o poder masculino, tornam-se uma prática complementar. O conceito de feminilidade enfatizada põe o foco sobre a complacência em relação ao patriarcado”. (Connell & Messerschmidt, 2013, p.266).

Poder

Ao compreender o poder como uma dimensão fluída, na qual nem sempre se consegue observar os seus recortes - isto é compreender onde se origina e onde se finda – este torna-se uma força que atravessa a esfera privada e pública de forma fragmentada, podendo exercer-se de formas conscientes ou inconscientes. (Correia, 2009). Depreende-se que esta dimensão é circular, indivisível e, por vezes, contraditória. Não podendo analisar e descrever o poder como fenómeno único, fala-se de relações de poder que podem, sim, ser observadas. É um substrato móvel que condiciona toda a vida social. Ao atuar em todas as instâncias da esfera social, o poder está ao alcance de todos e encontra-se em constante metamorfose - intensificando-se, diminuindo, revitalizando e deparando-se ao longo do caminho com pontos de resistência (Tilio, 2001).

Para a teoria feminista, o poder era considerado repressivo, dado que estava presente nas relações entre gênero, tanto no âmbito pessoal como coletivo. Os debates feministas foram cruciais para a compreensão deste construto. Os esforços dirigidos por estes movimentos,

permitiu que se navegasse nas nuances do poder, nos seus limites e nas suas contradições, mas não proporcionou soluções práticas para que se alterasse a sua matriz de existência. A complexidade que é inerente a esta problemática anuncia a dificuldade em resolver as suas contradições “(...) porque, de certa forma, todas estas formas de poder são faces diferentes da mesma coisa mantidas num ténue equilíbrio pelas relações em que estão inseridas.” (Lips, 1991, p.10)

Se por um lado a masculinidade hegemónica legitima uma forma dominante de ser masculino, por outro, pressupõe a existência de outras formas de masculinidade que se enquadram numa hierarquia de masculinidades, ocupando os espaços inferiores. (...) “A hegemonia é uma forma de dominação em que o dominado participa na sua dominação” (PinaCabral, 1994, p. 874).

A conceptualização da masculinidade hegemónica não passa da atribuição de uma lista de características empíricas ao indivíduo masculino, que não correspondiam, na sua totalidade, à vivência real de nenhum homem. Nestes estereótipos forja-se uma imagem masculina associada à autonomia, liderança, assertividade, etc. que encerra o Homem numa polaridade negativa (não pode expressar-se emocionalmente, não pode ser feminino ou homossexual, passivo etc.) e numa polaridade aparentemente positiva (ser forte, ser corajoso, independente, agressivo, líder etc.) (Silva, 2006). Acima de tudo, estes traços perfazem uma entidade idealizada que se distancia de uma verdadeira existência individual, com as suas naturais contradições e nuances. Não se trata, portanto, de uma identidade, mas sim de um ideal regulador que se constrói e se alimenta através do social: “os homens são feitos, não nascidos” (Fausto-Sterling, 1997, p.244).

Definido sob linhas de pensamento ocidental, heteronormativo, caucasiano, este conceito impõe a falsa perceção de unidade num universo tão fluido e contraditório que é o ser masculino. Ainda que determine os comportamentos associados ao género, o termo associava-se, também, a valores/competências muito associadas ao sexo e à dimensão biológica, perpetuando as visões dicotómicas de divisão de trabalho e de funcionamento social pré-estabelecidas. Esta dicotomia também era perceptível na dimensão da orientação sexual, definindo que apenas a heterossexualidade correspondia a uma verdadeira masculinidade, o que, por consequência, empurra orientações sexuais diversas, como a homossexualidade, para um patamar de inferioridade. Apesar de, a início, esta forma de ser masculino estar essencialmente relacionada com a relação de poder intercategórica, foi através de impulsos como os movimentos ativistas antixistas “(...) por meio da mudança das formas de masculinidades existentes; interface com a política Gay” (Ferreira & Ribeiro, 2019, p.6)

que este conceito começou a ser analisado além das pautas de antagonismo e assimetrias que se estabelecia entre géneros, para ser também compreendido através das relações de antagonismo e assimetria das relações que se estabelecia entre homens. Neste sentido, parte-se da ideia de que uma hierarquia de masculinidades nasceu, de modo direto, do confronto entre as vivências de homens homossexuais com os preceitos e preconceitos de homens heterossexuais. Origina-se, por este meio, o conceito de "homofobia" na década de 1970, “já atribuído ao papel masculino convencional” (Connell & Messerschmidt, 2013, p.244).

Masculinidade(s) Não Hegemónica(s)

Na ótica de Connell (1987), as subjetividades não hegemónicas decompunham-se em cúmplice, subordinado, marginalizado e protestante. Cúmplice determina o sujeito que não incorpora a masculinidade hegemónica na sua totalidade, contudo, através das suas práticas sociais acaba por usufruir dos benefícios da relação desigual entre géneros. Ainda que por vias indiretas, o sujeito “cúmplice” seria aquele que perpetuava o modo dominante de ser masculino. “As masculinidades construídas de forma a perceber a divisão patriarcal, sem as tensões ou riscos de serem as tropas da linha da frente do patriarcado, são cúmplices neste sentido” (Connell, 2005, p.79). Ao reconhecer que as masculinidades são plurais e construídas no âmbito do social, os sujeitos cúmplices podem ser inter ou intragénero (Fialho, 2006), isto é, podem ser incorporadas tanto por homens como por mulheres.

O indivíduo que incorpora a forma subordinada é socialmente perspectivado como desviante à norma, dada a relação particular que alguns estabelecem com a estrutura da sexualidade e identidade sexual (Connell, 1987). A presença de atributos associados ao feminino e por estes serem entendidos enquanto sinal de fraqueza, é o fator que intensifica as divisões nítidas presentes no continuum da masculinidade (Howson, 2006).

A distinção existente entre subordinado e marginalizado assenta nas relações sociais que os definem, no sentido em que as masculinidades subordinadas estão correlacionadas, sobretudo com questões da sexualidade e de expressão de género, ao passo que as masculinidades marginalizadas se cultivam dentro e através das relações desiguais que se estipula com elementos externos ao género em si, tais como a etnia, classe, idade, entre outros. Ao funcionarem “exogenamente” às relações de género, estas trocas acabam por estar, da mesma forma, relacionadas com o género. Howson (2006) alega ainda que esta marginalização se alimenta do silêncio que ecoa nestes indivíduos, uma vez que, a vergonha se apodera destes e aprisiona-os à posição marginalizada que lhes é imposta. “Os nossos medos são as fontes dos

nossos silêncios, e o silêncio dos homens é o que mantém o sistema a funcionar” (Kimmel, 2016, p. 69). Isto comprova que ainda que o universo social esteja fundado sob uma ordem de género desigual, que atribui mais poder ao(s) masculino(s) do que ao(s) feminino(s), os homens são também eles vítimas da sua dominação. O poder pode ser alimentado e manifestado nas relações intercategóricas, contudo, o sujeito masculino pode ser isento de poder em diversas relações dentro do universo intracategórico de género.

Importa ainda destacar o conceito de masculinidade protestante que prescreve masculinidades construídas com o intuito de compensar hipermasculinidades, de forma a tentar equilibrar posições sociais detentoras de menor poder político, económico e social, tanto no universo feminino como masculino (Connell, 1987). Para Connell (1987) estas conceções eram mais abstratas do que descritivas e sendo definidas sob a lógica da relação desigual entre géneros, eram todas sujeitas a mudança.

Desta forma, estas masculinidades distinguem-se da hegemónica no sentido em que se apresentam como um modo de subjetividade vinculado a ações, hábitos e formas de estar que, segundo as forças sociais dominantes, são estereotipicamente associados ao feminino ou a questões identitárias inferiores. Ainda que estes recortes tenham sido analisados a partir da década de 70, foi apenas a partir da década de 90 que começaram a ser uma pauta de análise mais frequente (Carrigan et. al, 1985).

Dentro deste espetro, um outro conceito começou a ser utilizado para representar masculinidades que se distanciavam dos modelos masculinos tradicionais – *novas masculinidades* (Rios, 2015). Esta designação era associada a padrões de expressividade, que incorporam afetos, indumentárias, padrões de consumo ou de padrões relacionais e nem sempre “assume um viés político ou social” (Casadei, 2020, p. 273). Assim sendo, estas formas de ser masculino constituíam-se sob elementos que iam além das esferas da classe, etnia, sexualidade, entre outros, e incluía subjetividades masculinas que se posicionavam como feministas. Desta forma, os seus padrões relacionais, comunicacionais e comportamentais visam, naturalmente, a superação da construção patriarcal.

“As novas masculinidades, por sua vez são masculinidades divididas e antagónicas entre a razão da condição que dita a cultura assumida (com a pressão dos diferentes agentes de socialização) e a razão do princípio feminista de superação de diferenças e privilégios na procura de sujeitos libertados do controlo social patriarcal” (Marín, 2018, p.87).

Estas novas masculinidades abraçavam uma maior expressividade emocional por parte dos indivíduos masculinos, com reflexos ao nível da gestão emocional e, subsequentemente, afastando-se de impulsos e comportamentos de teor violento. Neste modelo, “(...) ser forte não está associada ao poder físico, mas sim à resistência emocional a tudo o que gira contra as masculinidades dominantes, e que na realidade impede a superação da violência contra as mulheres” (Flecha et al., 2013, p. 105). Este continuum alberga, simultaneamente, masculinidades que envolvem, efetivamente, elementos novos, seja a nível do cuidado com a aparência, novas formas de vestir, utilização de novos produtos cosméticos, ou outros que são, preconceituosamente, associados ao feminino. Todavia, estas masculinidades “mimetizam-se, adotam novas versões que em muitos casos apenas implicam uma mudança cosmética e não uma implicação ativa contra a violência para as mulheres ou uma renúncia aos espaços de poder” (Marín, 2018, p.73).

Em conformidade, o “novo homem” é vinculado a um novo conceito - metrossexual, reflexo do contexto cultural e de consumo onde se insere, nos quais a imagem é a componente identitária que mais se destaca, fruto de uma sociedade escrava do consumo. A ditadura da beleza, produto das demandas e necessidades de uma sociedade herdeira do capitalismo, gera um culto à imagem, aos produtos estéticos e cosméticos, encerrando o “novo homem” em mais uma categoria- *metrossexual*. (Vilhaça & Góes, 1998, citados em Silva, 2006). O recurso a predicados femininos para definir esta “nova masculinidade” reforça a ideia de que estas subjetividades se distanciam do que é “ser homem”. No seguimento e, juntamente com outros determinantes, eleva-se o que muitos denominaram de *crise das masculinidades*. Segundo Elisabeth Badinter (1992) a crise do masculino é fruto do medo para com a passividade e para com a feminilidade que, na verdade, é inerente a qualquer subjetividade masculina. Grossi (2004) acrescenta que esta crise é reflexo do desconforto do Homem face às conquistas das mulheres e à “perda” dos homens (Ferreira & Ribeiro, 2019). Mas não estará a masculinidade em “crise” porque ela própria determina uma experiência contraditória?

O que se verifica é que ainda que se (re)formulem as subjetividades masculinas por vista a práticas e relações sociais mais justas e igualitárias, estas não se provam suficientes para concretizar uma mudança estrutural. Urge, ainda, mudanças nas identidades masculinas, patriarcais e tradicionais existentes (Gomes da Silva, 2006) – como se carregam, como se relacionam, como influenciam aquilo que os rodeia.

Discursividade da(s) Masculinidade(s)

Tendo em consideração as premissas do Construtivismo Social e, aplicando-as ao contexto das masculinidades, capta-se que as masculinidades são resultado do efeito dos discursos sociais, da ordem social e das classificações presentes nos media, publicidade, literatura, entre outros. (Nogueira, 2001). De início, o discurso científico tinha uma relevante importância na construção social da masculinidade, atribuindo aos corpos e, consequentemente ao género, um papel de destaque (Butler, 2004). A construção da masculinidade torna-se um processo temporal que opera através da reiteração de normas que visam a materialização do género (e do sexo), uma vez que se caracterizam por não serem estáticas, nem tão pouco uma meta atingida, transformando-se num produto resultado de uma constante vigilância e da (re)materialização que atravessa o tempo. Questionar o género, as dinâmicas de sua construção e, a manutenção dos seus efeitos teve como consequência última a problematização da posição social dos homens e a ênfase da masculinidade (Connell & Messerschmidt, 2013).

Ora a importância dos corpos e a consequente distinção e categorização que se formula entre os géneros apresentam-se como aspetos a ter em consideração na formulação de identidade, bem como de masculinidade, uma vez que sustenta ideologias e universos simbólicos (Amâncio, 1993). A conceção do processo identitário como uma complexa articulação entre aspetos biológicos e psicossociais conduz-nos a uma constante reflexão do sexo, género e identidade. Essas articulações são origem de associações, tais como o poder – masculinidade, concebendo um conceito de masculinidade monolítico, isento da possibilidade de ocorrer mutações e de haver dinâmica e movimento nas suas características. O processo identitário masculino não é, contudo, estático nem singular, sendo que a figura masculina é uma identidade fragmentada e diluída (Marques, 2011).

Sob o olhar de Connell (2000, p.12) a materialidade dos corpos é pertinente na medida em que “o género é o modo como os corpos são trazidos para dentro da história: os corpos são arenas para a construção de padrões de género”. Assim, Connell (2000) postula que o corpo é contido e refletido no discurso por meio de ações corpóreas que se estabelecem enquanto componentes importantes para construção das masculinidades. Ao reconhecer o corpo como parte constitutiva das masculinidades, Connell concretizava-o numa dimensão corpórea e não numa dimensão biológica, no sentido em que os corpos são definidos e disciplinados pela ordem de género (Connell, 2000). No entanto, este seu papel ativo não renuncia à influência das práticas discursivas, que o incorporam e se manifestam através de dinâmicas de controlo, vigilância e poder (Connell, 1995).

No seguimento do que foi supramencionado, conclui-se que as práticas sociais combinam meios simbólicos (discurso) e físico (corpo), sendo que os elementos psicossociais são atores ativos nas mudanças sociais e históricas (Connel, 1995, citado por Messerschmidt, 2018; Hearn, 2004, citado por Messerschmidt, 2018). Estes determinantes psicossociais sustentam-se, predominantemente de mecanismos discursivos que são, paralelamente, a origem e a “fonte” de alimento destas realidades. Além destes, outros mecanismos exercem a sua influência, como o contexto laboral, a sexualidade, a vida privada e familiar, entre outros. A linguagem, mostra-se, portanto, como a face visível do universo que é o social (Marques, 2011). À luz dos pressupostos de Foucault (1972), o discurso não se apresenta como uma manifestação una e indivisível do pensamento, conhecimento e/ou do indivíduo discursivo, mas sim como uma totalidade que delinea o que separa o sujeito da sua descontinuidade (Araújo, 2001). De acordo com Baker (1998), os discursos e suas análises envolvem-se de hiatos, de contradições e incoerências revelando-nos a permanente condição inacabada do ser humano.

Nesta linha de pensamento, as práticas discursivas englobam o que é falado, o que é escrito e o pensamento que dá origem a tais expressões. Estas constituem-se como a base do sistema de conhecimento, dado que, apresentam grelhas a partir das quais entendemos aquilo que nos rodeia. A análise do discurso exige o estudo das práticas que são desenvolvidas dentro de um contexto histórico-cultural específico, mas também das relações de poder que estão instituídas nestas práticas, ainda que de forma mais oculta, e que são dadas como adquiridas pelos sujeitos imersos nesse contexto. Neste sentido, o sujeito é mais do que um constituinte do discursivo, posto que este é também constituído pelo discurso, sendo que o discurso condiciona as suas práticas, interações e o modo como ele se vê a si próprio e aos outros. (Correia, 2009; Tilio, 2001; Keller & Araújo, 2017).

A masculinidade hegemónica enquanto ideal gera uma moralidade que padroniza a realidade e define como esta é encarada e discutida. Logo, ao criar uma orientação discursiva, isto é, um controlo sobre os significados, esta forma de ser masculino influencia a forma como as masculinidades dissidentes, e as identidades que partem desta são construídas. Estas formas hegemónicas e dominantes estão numa constante e insistente procura de defesa da sua estabilidade e permanência, particularmente através dos discursos e representações dos media e nas performances individuais e coletivas (Marques, 2011).

Posto isto, e reconhecendo que o sujeito é feito no interior e através do discurso, questionamo-nos sobre o modo como estas masculinidades se baseiam, isto é, não se trata de um tipo de homem, mas sim de uma posição que os homens tomam através de suas práticas discursivas. Estas práticas estão dispersas nos diversos processos de socialização e

representações culturais que comportam as microesferas sociais e as práticas quotidianas (família, escola), bem como as estruturas institucionais que abrangem o macrossocial, como, por exemplo, os media, o cinema, artes em geral (letras de músicas, revistas, esculturas, livros etc) (Araújo, 2001).

Os discursos que envolvem as masculinidades não hegemónicas e que se propõem a desconstruir o modelo cultural dominante, têm em mira a construção de narrativas que não desvalorizem o feminino, ou outras identidades de género/identidades sexuais que não as heteronormativas que, em última instância, se manifestam em processos de socialização diferenciados. Estas masculinidades não se distanciam completamente da masculinidade tradicional em si, mas abandonam alguns dos aspetos prejudiciais que esta assume e abraçam comportamentos que são socioculturalmente associados ao feminino (Leiva, 2019). Tratam-se de discursos com o objetivo primordial de rever o que significa ser homem, ser masculino e como o podem expressar através de relações mais simétricas e saudáveis, tanto com mulheres, como com homens. Como se trata de subjetividade(s) fluída(s), dependentes do contexto, o sujeito pode incorporar diversos tipos de masculinidade em momentos distintos, dependendo do contexto onde está inserido (Id).

Neste universo discursivo múltiplos tópicos e realidades são analisadas e repensadas, desde a sexualidade, homofobia, violência (nas suas diversas formas), poder, paternidade, ordem de género, entre outros. Estes apresentam-se como eixos centrais nas vivências da masculinidade tradicional e, portanto, necessitam de ser repensados. “Os debates sobre o masculino ampliam o espaço para novas formas de masculinidade tanto na área do trabalho quanto no lar, e apontam comportamentos mais equitativos entre homens e mulheres” (Ferreira & Ribeiro, 2019, p.6).

Entre avanços e recuos, os discursos e os indivíduos têm-se revestido de classificações e identidades que aprisionam o Homem a um corpo e um destino comum (Silva, 2006). Neste sentido, a construção de masculinidades dissidentes que abracem a complexidade do que é ser Homem, afastando-se das amarras convencionais é algo urgente e parte de todos. Só quando nos distanciarmos das compreensões binárias é que percebermos que mais do que ser homem ou ser mulher, masculino ou feminino, importa ser humano e estabelecer trocas afetivas e sociais que alimentem a diversidade e, por conseguinte, que nos alimente a cada um de nós.

Vivência(s) masculina(s) da(s) Sexualidade(s)

A(s) sexualidade(s) são, também, protagonistas na construção temporal da(s) masculinidade(s) e confluem com os significados que lhes são próprios. Para Foucault (1988) a sexualidade seria um dispositivo histórico, isto é, uma construção social que se estende ao domínio mental e físico. Na perspectiva de Gagnon (2006) as sexualidades decompõem-se em conduta e comportamento sexual. O comportamento sexual desenrola-se a partir de práticas corporais, enquanto a conduta sexual diz respeito à análise do comportamento individual, tendo por base significados/valores culturais. De uma forma cirúrgica, compreende-se que se trata de uma distinção entre impulsos/ energias sexuais (comportamento) que são limitadas por concepções que se tecem numa dimensão social (conduta). Estas concepções articulam-se em roteiros, e estes circunscrevem e organizam cenários culturais que atendem a exigências morais limitadoras (Tilio, 2001; Gagnon, 2006).

Esta(s) sexualidade(s) vêm se estabelecendo, dentro do contexto cultural ocidental e judaico-cristão, sob um sistema falocêntrico que, focado na genitália, impõe a desvalorização da dimensão afetivo-emocional. Esta concepção, constrói-se sob referências, signos e valores que preconizam, no imaginário coletivo, a superioridade do homem e consequentemente, inferioridade da mulher. Trata-se de uma espécie de culto ao falo que, sendo associado ao poder, constrói discursos, servindo de organizador social numa ordem simbólica: “sendo assim, o Falo está sempre relacionado com poder e pênis, seja qual for a interpretação atribuída” (Adaíd, 2016, p.76). Estas concepções a respeito da(s) sexualidade(s) são atravessadas por pontos de inquietação que se traduzem, essencialmente, num pavor em relação à homossexualidade e à impotência. A fuga da homossexualidade e, intrinsecamente, do feminino, formula uma identidade sexual enraizada em padrões tradicionais, tais como a agressividade, poder, a toma de iniciativa e até, de certa forma, a expectativa de uma vivência sexual incessante. (Silva, 2006). Tanto o(s) homem(s) como a(s) mulher(s) são vítimas desta força social, uma vez que “a homofobia é o horror às qualidades femininas nos homens, enquanto a misoginia é o horror às qualidades femininas nas mulheres” (Badinter, 1992, p. 116).

Posto que as construções de significados em torno da(s) sexualidade(s) masculina(s) são estabelecidas sob uma cultura sexual predominantemente hegemónica e heteronormativa, normas e regras acerca da sexualidade são internalizadas no coletivo mental masculino (e feminino) de forma inconsciente e inconsequente. Quando estas regras são postas em causa, existe uma dominação e vigilância social sob os corpos masculinos, que os aprisiona a certas expectativas e formulações (Marques, 2011). Neste sentido, a(s) masculinidade(s) acabam por se tornar

numa questão de mensuração, seja de expectativas, de medos e/ou de formulações, muitas vezes direcionados à sua capacidade de ereção e sustentação da mesma, ao seu apetite sexual, à frequência e à quantidade de parceira/s sexuais. Uma vivência que se foca na soma de expectativas e não na integralidade da experiência *per si*, o que empurra, ainda que inconscientemente, o prazer para segundo plano (Dess et. al, 2018). Ao desligar-se das dimensões da conexão, do contacto, da intimidade e da troca, esta(s) vivência(s) sexuais tornam-se marcadamente heteronormativas, o que reforça a priorização de uma atividade sexual heterossexual, penetrativa e em quantidade. “O contato sexual é interpretado como mais uma forma de dominação do feminino, assim sendo, durante o ato sexual o homem está, em seu imaginário, dominando o que há de feminino nela e nele” (Adaíde, 2016, p.77). Sob o culto ao genital masculino, as exigências sexuais masculinas transformam-se numa perseguição à “competência” que, associada à manifestação do desejo sexual, torna o viver sexual masculino numa “ditadura” da função sexual.

À sombra das amarras da performance, a hipervalorização do coito ou penetração (vaginal e/ou anal) ergue-se como uma das bandeiras da “ditadura” sexual. Centrando-se no coito, a sexualidade é perspectivada como tendo início e fim na penetração, sendo que outras nuances e enredos inerentes à vivência sexual são invisibilizadas. Estas visões redutoras são resultado das narrativas mais conservadoras acerca da sexualidade, subordinando-a a uma função essencialmente reprodutora, na qual a ênfase não está apenas no prazer (Voks, 2021). Desta forma, a vivência íntima masculina vê-se aprisionada a uma constelação representativa da masculinidade que se ergue do medo, tanto do feminino, como da impotência. A função erétil e a sua qualidade/quantidade são, portanto, fatores determinantes para a construção do masculino. Perder a ereção seria sinónimo a perder a virilidade e, consequentemente, o poder e autoestima que estabelecem e seguram a sua identidade masculina. A disfunção erétil ou impotência, torna-se simbolicamente um “vírus” que contagia toda a sua existência e põe em causa toda a sua homeostase (Leite & Jesus, 2021; Voks, 2021).

A virilidade surge, então, como marcador vital na construção, performatividade e validação das práticas sexuais masculinas (Leite & Jesus, 2021; Voks, 2021) uma vez que se encontra no cerne da construção da(s) masculinidade(s). Este construto ergue-se na infundável fuga ao feminino, logo, encontra-se em constante construção e manutenção. Entende-se por este construto uma urgência da capacidade reprodutiva, social e sexual que se estabelece através da força, violência e da dominação. Ao entranhar-se na natureza masculina, este conceito tem vertentes económicas, culturais e temporais: “Tudo concorre para fazer do ideal impossível da virilidade o princípio de uma imensa vulnerabilidade” (Bourdieu, 2012, p.65). Assim, foi-se

tecendo uma relação estreita entre virilidade e sexualidade na cultura sexual do(s) homen(s), uma vez que conferem e garantem um *status* que serve, simbolicamente, como fator de manutenção da masculinidade e da sua identidade. Trata-se de uma representação simbólica que vigia constantemente os atos e comportamentos do homem, inclusive aquando da vivência sexual, como se, até nos momentos de intimidade o grupo se apresentasse presente num imaginário mental. “Os homens tornam-se coletivamente juntos em atos sexuais individuais” (Grave et. al, 2020, p. 237).

Em nome do que é perspectivado como viril, masculino e válido, quando estas concepções de virilidade são postas em causa, o homem coloca o próprio homem numa posição inferior, aludindo a um estado de fraqueza (Voks, 2021). A valorização do papel de penetrador também é simbólica na concepção da virilidade sexual, sendo que hierarquiza qualquer vivência sexual à penetração anal. Portanto, a penetrabilidade é o negativo da virilidade sexual e destitui o homem de seu lugar social de macho (Andrêo et. al, 2016). Uma vez que se ergue sob os conceitos de força, poder e dominação, a virilidade enaltece o papel do penetrador e desvaloriza o papel do penetrado, num jogo onde se distingue, respetivamente e simbolicamente, um papel ativo de um papel passivo. Quando ambos os papéis são assumidos por corpos masculinos, o agente que é penetrado é associado à feminilidade e passividade, como que, numa dimensão simbólica, assumir esse papel fosse renunciar à sua própria masculinidade. A influência desta dicotomia do ativo/passivo e masculino/feminino constrói discursos que impossibilitam uma comunidade sexo-diversa (Grave et. al, 2020). Ao invisibilizarem as pluralidades de papéis e identidades sexuais, este universo de representações sexuais molda o coletivo imaginário para uma perceção social, na qual o sucesso da sexualidade está concentrado em números e performances. “Para cada performance, está previsto um modo de existência, que acaba por sofrer de todo o contexto social que normatiza ou, raramente, liberta as suas expressões” (Keller & Araújo, 2017, p.312).

A performance reveste-se, assim, de formulações que dão um sentido único ao desejo, excitação e ao prazer – o orgasmo que advém da penetração. O comportamento sexual, produto de um processo contínuo de aprendizagem, conflui e é influenciado pela pornografia. O avanço tecnológico habilitou uma maior acessibilidade a filmes pornográficos que sob a forma de estereótipos, práticas e padrões de comportamento apresentam um continuum de vivências sexuais. Estas representações são perspectivadas como sendo reflexos fidedignos da realidade íntima sexual e, desta forma, são (re)produzidos no espaço íntimo dos seus consumidores (Borges & Tílio, 2019). Contudo, esta imagem de “sexo ideal” pouco se conecta com a realidade. Desde representações que privilegiam maioritariamente corpos atléticos, a performances sexuais de longa duração que contemplam uma variedade de posições sexuais, a

um momento final que culmina no orgasmo, conseguido somente por intermédio da penetração e ejaculação. O resultado: uma sexualidade à base da prestação e eficiência, cujo exercício se assemelha maioritariamente a um espetáculo. Pelo consumo destes conteúdos não serem acompanhados de posterior análise e reflexão crítica, estas formulações são muitas vezes naturalizadas e tornam-se parte integrante das expectativas, idealizações, desejos e fantasias que os homens (e mulheres) criam à volta da sexualidade (Carvalheira, 2019; Francisco, 2015; Borges & Tílio, 2019). O “património erótico” (Carvalheira, 2018) da pornografia acentua a discrepância entre as expectativas/exigências associadas à performance sexual, em relação às vivências sexuais experienciadas, posto que, devido às próprias limitações fisiológicas do ser humano, estas performances tornam-se difíceis de serem fielmente reproduzidas. Consequentemente, como não conseguem reproduzir estas expectativas sexuais e estéticas, os homens experienciam sentimentos de frustração, insegurança e até, em último caso, disfunções eréteis de origem psicoemocional (Francisco, 2015; Borges & Tílio, 2018).

É sob estas linhas de pensamento que a sexualidade se formula como um “privilegio exclusivo da juventude” (Carvalheira, 2018), dado que as suas representações dificultam a sua reprodução numa fase mais avançada da vida. Os elementos pornográficos que instituem a sexualidade tornam-se o grande inimigo da sexualidade sénior, fomentando a sua marginalização. Sob esta perspetiva, que parece vigorar na maioria das sociedades, articula-se uma assimetria no direito ao prazer entre as faixas etárias mais jovens e mais velhas. Embora fatores biológicos e psicológicos tenham, de facto, influência na vivência sexual ao longo do processo de envelhecimento, como fatores de ordem física que provoquem limitações ao nível de mobilidade, ou até da função erétil, etc., o sexo (...) “com, ou sem amor, também acontece na última fase do ciclo da vida” (Carvalheira, 2018, p. 207). Desde formulações coletivas e sociais como “os seniores não têm desejo sexual” ou “não têm capacidade para”, à perceção dos corpos envelhecidos como destituídos de atração e beleza geram-se mitos e crenças que, produzem atitudes negativas face à sexualidade ativa no envelhecimento.

Ao mapear a sexualidade por caminhos tão escassos e finitos, produzem-se subjetividades sexuais que se desligam do erotismo e que se tornam mecânicas, frias e performativas. A incorporação de diferentes corpos, diferentes faixas etárias, diferentes expressões e orientações sexuais e diferentes formas e vias de prazer parece ser imperativo para que se contemple a sexualidade de um modo mais aberto e diverso. Por se apresentar numa variedade infinita de fatores, sabores, dinâmicas e nuances, estabelece-se enquanto uma das faces mais complexas da expressividade humana, um aspeto inerente ao biopsicossocial do Homem, uma vivência sua por direito. Ao fluir em águas tão complexas e distintas, a

sexualidade é, acima de tudo, uma produção subjetiva e, portanto, nunca será um fator (i)mutável e construído por e para as massas. A sexualidade constrói-se na intimidade de cada ser, independentemente do seu gênero, sexo, etnia, classe, orientação sexual e idade e, assim sendo, o organizador de ordem simbólica que deve vigorar não deve partir de um único produto social (falo), mas sim da subjetividade de cada um/a. E, uma vez que a “sexualidade é, de fato, um discurso” (Francisco, 2015, p.20) é crucial mover esforços individuais e coletivos para que se construa discursos que abracem as sete milhões expressões e identidades sexuais existentes no nosso coletivo.

O objetivo deste nosso estudo é precisamente, através de narrativas individuais e da sua articulação, analisar os saberes e os fazeres do masculino dissidentes à hegemonia.

Método

Objetivos de investigação

Os intuitos do estudo prendem-se com a compreensão das vivências masculinas dissidentes às forças hegemónicas. Pretende-se assim, captar e aprofundar duas das suas dimensões existenciais – a(s) sua(s) identidade(s) e sua(s) vivência(s) sexuais(s). Nesse sentido, questiona-se as suas construções identitárias, a relação que estabelecem com a hegemonia e seus discursos dominantes e como os perspetivam e, ainda como exercem e negociam a(s) sua(s) sexualidade(s) no meio deste cenário

Amostra

O presente estudo contou com a participação de 9 sujeitos, identificados com o género masculino – cisgénero – e com idades compreendidas entre os 35 e os 59 anos. Em relação à orientação sexual, sete autoidentificam-se como heterossexuais, um entrevistado identifica-se como bissexual e, por último, um identifica-se como homossexual (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Descrição da amostra

Participante	Idade	Naturalidade	Orientação Sexual	Estado Civil/Relacional
1	35	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro
2	35	Portuguesa	Heterossexual	Relacionamento
3	59	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro
4	37	Brasileiro	Bissexual	Solteiro
5	49	Portuguesa	Homossexual	Celibatário
6	38	Portuguesa	Heterossexual	Relacionamento
7	37	Portuguesa	Heterossexual	Relacionamento
8	43	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro
9	45	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro

No que diz respeito aos critérios de seleção da amostra, estes estabeleceram-se através da disponibilidade para a participação no estudo, da identificação com o género masculino (cisgénero) e com a correspondência dos indivíduos a faixas etárias iguais ou superiores a 35 anos de idade. Optar por estas faixas etárias em específico partiu de uma escolha deliberada e

consciente, que tinha em vista coletar uma visão ampliada das transformações vivenciadas pelos indivíduos, sendo assim possível analisar um antes e um depois.

A escolha de homens cisgênero prende-se pela importância de observar e analisar as possíveis desconstruções dos discursos e poderes hegemônicos que decorrem dentro do(s) masculino(s), em corpos cisgêneros. Corpos estes que são socialmente prescritos como normativos. Assim, pretende-se perceber de que forma esta “normatividade” se pode constituir como caminho para a desconstrução, compreendendo as frustrações, motivações e idealizações que movem estes homens para a mudança.

A recolha de dados cessou devido a dificuldades em aceder a novos participantes, bem como a limitantes temporais.

Procedimento de Recolha de Dados

Com bases no Construtivismo Social e no Feminismo e, uma vez que esta investigação aborda conteúdos e temáticas complexas, que implicam os subjetivos, os signos, crenças e significados dos seus discursos e de suas relações que são (in)quantificáveis e (i)materiais, a metodologia qualitativa apresenta-se como a mais apropriada para o estudo dos fenómenos abordados.

Nesse sentido, o processo de recrutamento dos entrevistados deu-se a partir de métodos de amostra não probabilística, sendo que num momento inicial, desenrolou-se por conveniência através de conexões com plataformas digitais relacionadas com os movimentos e/ou coletivos masculino(s) e, por efeito de bola-de-neve expandiu-se a outros participantes.

O instrumento de recolha de dados qualitativo selecionado foi a entrevista semiestruturada (Anexo 1), que de acordo com Braun & Clarke (2006) seria o método mais eficiente para os objetivos delineados nesta investigação, sendo que garante maior flexibilidade para um partilha desinibida dos participantes.

A elaboração do guião da entrevista deu-se após a revisão bibliográfica dos conteúdos centrais do estudo. Divide-se em duas partes, sendo que a primeira se destina à análise das formulações identitárias dentro do(s) masculino(s), e a segunda tem maior enfoque para com a vivências sexuais dos participantes.

Assim, quando enquadrados no tema e nos objetivos centrais do estudo, e após a recolha do Consentimento Informado (Anexo 2), que garante uma participação informada e esclarecida, as entrevistas decorreram no físico, bem como no virtual, através da plataforma *Zoom*.

Paralelamente, as entrevistas foram registadas em gravação de áudio e foram transcritas *a posteriori*.

Procedimento de Análise de Dados

A análise temática foi o procedimento utilizado, considerando que, tendo por base um aporte teórico construtivista social, transversal a todo o estudo, este seria o método mais pertinente para analisar discursos (Braun & Clarke, 2006). Através deste método é possível identificar, analisar e posteriormente relatar padrões que emergem dos dados do estudo, o que potencia a compreensão dos significados presentes nos discursos dos participantes.

O processo desenrolou-se em seis fases propostas para a análise (Braun & Clarke, 2006). Numa fase embrionária procedemos à realização das transcrições das entrevistas e, posteriormente à leitura das mesmas, o que permitiu a familiarização com os dados obtidos. Sendo esse o primeiro passo, o seguinte passou pela identificação dos resultados em códigos, no qual se localizam padrões de significado, condensados posteriormente em características basilares do estudo. De seguida, procedeu-se à incorporação desses conteúdos em temas centrais, que servem de guias de análise.

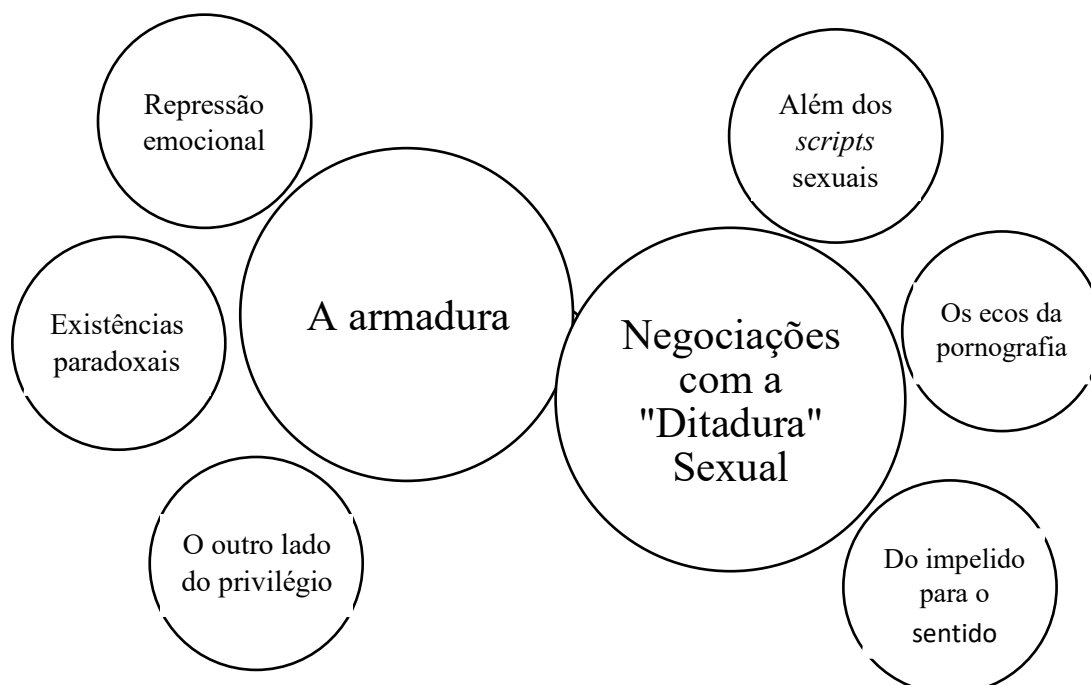
O processo reveste-se de avanços e recuos, nos quais a revisão dos conteúdos analisados constituiu uma etapa indispensável. Da revisão dos temas resultou a construção de um mapa temático da análise. De modo a refinar análise e passar do abrangente para o concreto, definiu-se nomes específicos para cada tema. Por fim, prosseguiu-se para a redação dos resultados num formato escrito, incorporando os dados supramencionados e suas respetivas análises.

Análise e discussão dos resultados

A partir da análise temática dos dados emergiram dois temas centrais: (i) *A Armadura* e (ii) *Negociações com a “Ditadura” Sexual*.

O primeiro tema (i) *A Armadura* ramifica-se em três subtemas: (a) *Repressão emocional*, (b) *Existências Paradoxais* e (c) *O outro lado do privilégio*. Surgem também subtemas dentro do segundo tema (ii) *Negociações com a “Ditadura” Sexual*, sendo estes: (a) *Além dos scripts sexuais*, (b) *Os ecos da Pornografia* e (c) *Do impelido para o sentido* (ver Figura 1).

Figura 1 - Mapa Temático



A Armadura

A armadura, expressão adotada pelos próprios entrevistados simboliza, num lugar metafórico as concepções que formulam a caixa pré-concebida do que é ser masculino. Dentro desta cabem todas as expectativas, exigências e crenças hegemônicas que, se vivenciam no âmago da existência daqueles que se reconhecem dentro do(s) masculino(s).

(...) Só mesmo em contextos específicos em que sinto que consigo tirar a armadura. (E1)

(...) Porque sentia que estava a precisar de soltar a armadura que carregava e vergava. (E6)

Esse vulto que permeia a existência do(s) masculino(s) é reconhecido pelos próprios entrevistados como uma máscara que se impregna no seu inconsciente e que lhes exige uma certa “monstruosidade”, “(...) a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica tendendo a ratificar a dominação masculina” (Bourdieu, 2012, p. 18). Neste processo em que se maquia continuamente a própria existência, de modo a se integrar numa caixa a que, no fundo não querem pertencer, damos conta de que, para os entrevistados, a sua formulação de identidade concebe, num primeiro momento a desconstrução da masculinidade que lhes é apresentada, no foro social, como normativa. “[...] a trajetória de construção da masculinidade de cada homem se faz com o modelo de masculinidade hegemônica sempre presente e reforçado, seja pela mídia, pela escola, pela igreja, etc.” (Seffner, 2003, p.125). Ao se fundir na própria epiderme, o processo de libertação da armadura exige um olhar inquieto, que não se mostra passivo e que não se permite encerrar em si mesmo, sendo um olhar inacabado, mutável à fluidez que é a própria existência humana. “Esse organizar de uma nova existência, que é acima de tudo subjetiva, pode ser um caminho árduo e paradoxal. Ao anexar a interação com o mundo na própria definição/visão sobre o masculino, o indivíduo vai construindo esta nova identidade sobre novos palcos de atuação, que se traduzem em negociações contínuas com a estrutura hegemônica – no admitir das similaridades, no reconhecer das diferenças e no construir de novas fórmulas identitárias (Seffner, 2003). Assim, esses masculinos tentam desalagar-se dos discursos do que significa “ser-se homem” e das exigências que se baseiam na metáfora do “suor, sangue e sémen” (Vale de Almeida, 1995, p. 25) desenvolvida ao longo do corpo de texto.

(...) Aí tive de me respeitar enquanto homem e foi das coisas mais másculas que tive de fazer. (E1)

(...) eu percebi-me que eu não preciso de ser agressivo para ser masculino, eu preciso de ser melhor pessoa, isso é o que me define. (...) que me define a ser um homem é eu estar em paz com quem sou. (...) Eu gostar de mim, de quem sou é o que me define como homem (E5)

Olhando para mim eu próprio me reconheço de duas formas, o meu eu antigo mais machista, mais patriarca, e agora o que vive mais pelo coração. (E8)

Repressão Emocional

Ao afastar-se desses moldes hegemônicos, a repressão emocional surge como uma das grandes imposições sociais que parecem recair sobre os corpos masculinos. A fuga contínua ao feminino (e à homossexualidade) reflete-se numa espécie de “castração” emocional, posto que as emoções/sentimentos são diretamente relacionadas com a categorização do feminino. “(...) a masculinidade hegemônica assemelha-se a um «olhar avaliativo de feminilidade, mas igualmente vigilante de expressões da masculinidade, um verdadeiro *big brother* orwelliano da ordem social de género” (Amâncio, 2004, citado por Grave et. al, 2019, p.91). Sob a convicção que a emoção pertence unicamente ao feminino, em oposição, a razão pertenceria ao masculino “(...) resultando daqui uma oposição binária entre emoção e razão, fortemente associada, respetivamente, à feminilidade e à masculinidade” (Lloyd, 1984, citado por Santos, 2015, p.3). Ademais, “O homem não chora” apresenta-se como um dogma transversal aos contextos educacionais/familiares de todos os entrevistados que, com maior ou menor impacto transmite “um dos primeiros ensinamentos sociais para o género masculino” (Bento, 2015, p.111).

Não consigo chorar por causa dessas narrativas (“Homem não chora”) e mesmo quando partia coisas em criança, eu não chorava e doía-me muito. Mas não chorava porque era homem/ rapaz e rapaz não chora..., mas apesar de não conseguir, adorava conseguir e permitir-me chorar. (E7)

Se a identidade masculina se constrói, em simultâneo, sob dois processos psicológicos que se completam – a hipervalorização do “eu” voltado para o exterior (fazer, contribuir, alcançar, etc.), e a repressão da dimensão afetivo-emocional, a colisão das mesmas resulta numa urgência para o autocontrolo da expressão emocional dos homens (Corsi, 2006 citado por Pimenta, 2012; Matos, 2001; Guerra et al., 2014). Esse construto social e discursivo, penetra no inconsciente coletivo do(s) masculino(s) reprimindo o(s) homem(s) de experienciar um leque variado de emoções, inclusive as de conotação positiva, e controla qualquer manifestação que se aproxime do sensível (Pimenta, 2012).

Isto levou-me a experienciar as emoções porque eu não conseguia e ainda não consigo inteiramente sentir emoções. É um trabalho para a vida...sentir as emoções no corpo, sentir emoções que foram reprimidas lá atrás (...) Tenho tentado permitir-me experienciar as emoções, vivê-las, acolhê-las e nutri-las, sem as categorizar. (E6)

Assim, ao afastar a emoção da esfera individual dos masculinos, qualquer tipo de manifestação emocional é contornada pela imponente dimensão do poder.

“Obviamente, para o exercício do poder, é necessária a supressão de sentimentos” (Pimenta, 2012, p. 613). No sentido de evitar o julgamento, a vergonha e até a exclusão e, assim permanecer em lugares de poder, o homem reduz a sua existência a comportamentos e falas meramente performativas (Scheff, 1988 citado por Santos, 2015; Vale de Almeida, 1995, citado por Santos, 2015; Matos, 2001).

Reconhecendo, desde uma idade mais precoce, as emoções como ameaça à masculinidade, a inibição de sentimentos carimba as vivências masculinas em formatos nefastos para a saúde mental e física, individual e coletiva. A vivência emocional masculina é, portanto, socialmente afunilada a dois destinos únicos – o silêncio, ou a extravasão emocional através da raiva e/ou agressividade. Esta restrição emocional “(...) encerra uma condição paradoxal: se, por um lado, a inibição dos sentimentos é uma das características cruciais da masculinidade hegemônica (Connell, 1995), por outro, a mesma é nociva no que concerne ao seu impacto na saúde e interação social” (Jansz, 2000, citado por Santos, 2015, p.7).

(...) o único sentimento permitido de nós expressarmos é raiva. Todos os outros sentimentos são proibidos. Não só não fomos ensinados a sentir os outros sentimentos, mas também somos ensinados reprimir qualquer tipo de sentimento, seja amor, carinho, tristeza, dor (E4)

O homem precisa de fazer uma evolução que a mulher já fez, o homem precisa de abrir as emoções. O homem, claramente tem de lidar melhor com as emoções. Se formos às percentagens dos homens que lidam bem com as emoções, são residuais. E, aí nem interfere a questão das orientações sexuais, vai tudo dar ao mesmo, é uma questão de género e não de orientação. (E5)

Quero fazer essas coisas, o chorar e conseguir fazer e permitir-me fazer o que uma mulher faz. Quero permitir-me chorar e deixar esse peso ir e libertar-me completamente. (E7)

Dentro deste dogma é oprimido um universo afetivo-sentimental rico, o que resulta, consequentemente, numa iliteracia emocional e em comportamentos afetivos e relacionais mais pobres. “Baixos níveis de inteligência nos homens, nomeadamente a inability de perceber emoções e de as utilizar para facilitar o pensamento, estava associada com resultados negativos como utilização de drogas, álcool, comportamento desviante e relações sociais empobrecidas” (Brackett, Mayer & Warner, 2004, citado por Rodrigues, 2016, p.24).

Hoje em dia não noto assim uma dificuldade, no passado...se calhar seria a gestão das relações. (E9)

Se eu não resolvo a minha angústia, as minhas dores, como é que eu vou poder estar na relação com outro dando amor, carinho e afeto? Sinto que vai sobrar raiva, violência de alguma forma e essa violência acaba sempre sobrando mais para aqueles que somente são considerados mais frágeis, principalmente as mulheres. (...) E começa a aparecer um monte de sensações, tu não sabes de onde veem, não sabes o que é, não aprendeste a lidar com elas... e, tem horas que eu me sinto uma criança de 5 anos que está a aprender tudo novo. (E4)

Distante deste capital simbólico e discursivo e, uma vez que para os entrevistados “a masculinidade e feminilidade são um conjunto de qualidades” (Vale de Almeida, 1995, p. 36), estes concetualizam a dimensão emocional e sua expressão como parte integrante do ser-se homem. A fuga a esse controlo simbólico na dimensão emocional é, todavia, um desempenho contínuo que se manifesta no quotidiano dos participantes, tecendo sobre valores focados no instrumentalismo um léxico afetivo e emocional, que renova constantemente a forma de se relacionar com as emoções (Wall et.al, 2010).

O que me faz sentir homem é quando posso ser um ser que pode partilhar, tanto a parte mais feminina, no sentido de expor sentimentos, abertura, o coração. (E3)

(...) Eu vejo o feminino como o lado que se liga à intuição, à voz interior, ao coração. Já o masculino será aquele que põe o plano em ação. Ou seja, quando falamos de escutar a nossa voz interior, se calhar falamos do nosso lado feminino, e quando pomos o plano em ação o que escutamos cá dentro, é o nosso lado masculino que se manifesta. (...) Mas se falares de um lugar de sinceridade acho que consegues abarcar toda a experiência humana, independentemente do que ela for. (E6)

O ato de experienciar e exercer a sensibilidade demonstra-se mais facilmente praticável em determinados contextos, sendo que é dentro dos relacionamentos com o feminino, inclusive os de teor afetivo-sexual, que os entrevistados reportam maior conforto em conectar e expressar a sua dimensão emocional (Bento, 2015, p. 198).

(...) eu sempre estive melhor num ambiente com mulheres. Não no sentido mais do que isso mesmo, mas porque são conversa que mais fazem sentir vivo, que me interessa. É difícil encontrar isso junto dos homens. (E6).

Existências Paradoxais

No processo de maturação de um outro modo de ser masculino, o indivíduo procura afastar-se das normas que reconhece como nocivas dentro das concepções hegemónicas. Contudo, aprisionados aos padrões hegemónicos, o homem vê-se, por vezes, a regressar a caminhos que tão bem conhece. Nesse sentido, experimenta-se num novo papel - o de observador. Ao reconhecer padrões, crenças e comportamentos quase viscerais, o primeiro passo é tornar-se consciente das (re)produções constantes da masculinidade hegemónica, que se perfaz nos mais pequenos pormenores e movimentos. Enquanto observador, o sujeito rejeita e tenta afastar-se de traços do foro físico, relacional e comportamental das concepções hegemónicas. (Soares, 2020). Atendendo às narrativas dos entrevistados, compreendemos que os traços mais reprovados compreendem espaços de violência, competição e superioridade para com o feminino, bem como o masculino.

Permiti-me a esse momento porque estou a aprender com isto também...e este foi o momento de (re)definição da minha masculinidade- eu percebi-me que eu não preciso de ser agressivo para ser masculino, eu preciso de ser melhor pessoa, isso é o que me define. (E5)

É a competição, e isso já passou para o feminino, mas no masculino inclusive no sistema, temos que estar preparados para estar em competição- eu tenho que ter um carro melhor, tenho que ganhar muito, etc (E3)

Não me vejo superior como antigamente, sobretudo relativamente às mulheres porque era o padrão que trazia das crenças familiares e sociais. (E8)

O papel preponderante que é dado aos homens, ou a precedência que é dada aos homens em detrimento das mulheres. (E2)

A recusa da heteronormatividade também se demonstra presente na totalidade das entrevistas, uma vez que estes questionam e contestam a heterossexualidade como pressuposto natural ao(s) homem(s). Força motriz da construção identitária da(s) masculinidade(s) tradicionais, a homossexualidade significa e sinaliza a perda de prestígio e poder, essencialmente entre homens (Grave, 2016). Ora, ainda que a maioria dos entrevistados se identifique como heterossexual, vários mencionam que nas dinâmicas relacionais com os

masculinos, devido às suas formas divergentes de estar e ser, ainda que sendo heterossexuais, encontram-se em escalas inferiores de poder, sendo até postos de parte, ou excluindo-se autonomamente.

Sempre tive muito à parte desse mundo masculino e sempre me senti muito só porque não fazia parte. Havia ali uma parte que eu não conseguia ligar-me, e nós também precisamos da nossa tribo masculina. (E6)

Sempre tive amigos, mas sempre foi diferente e eles (“Lá está ele com as suas manias e diferenças”), acho que vem do meu interior, do meu crescimento, mas eu via as coisas de uma forma diferente. (E7)

Assim, sobre esse olhar há um impulso de rejeição e, conseqüentemente, de policiamento das premissas hegemônicas que se vivem no intrapsíquico do sujeito (Soares, 2020). São subjetividades conscientes e reflexivas que configuram o seu “eu” como um projeto reflexivo (Seffner, 2003).

Mas sinto que é uma preocupação minha e vivencio-a no dia-a-dia porque eu tenho medo do masculino. (E6)

Tenho isto muito presente no dia a dia, no sentido em que a masculinidade tem sido uma das minhas apostas e lutas para criar um masculino não tóxico. (E9)

Eu não me preocupava se era muito ou pouco masculino. Agora ao observar esse velho eu, eu consigo ver determinados comportamentos que tinha, agora há mais preocupação, cuidado comigo e com o outro. (...) No início do meu processo de mudança, a masculinidade estava mais presente no dia-a-dia, agora começa a ser mais natural. (E8)

Ao decompor concepções outrora tão presentes, a “matriz geradora de sentido do indivíduo” (Bento, 2015) vai se transfigurando, podendo resultar em conflitos existenciais. Na gênese desse conflito está a descontinuidade de uma identidade. O rompimento com formas de estar e ser estabelecidas só se consegue a partir da contínua metamorfose do “eu”, “a ideia de uma identidade não resolvida, em eterno processo (...)” (Seffner, p. 88, 2003). Ao sentir repulsa pelos exemplos e referências tradicionais e, dispondo-se à incorporação de aspetos femininos, na mesma medida em que se procura distinguir destes, o homem identifica como meio termo o espaço a que se sente forçado a ocupar. A esmagadora maioria dos entrevistados confessa

acreditar que características tanto femininas como masculinas habitam cada ser, e acrescentam que o que distingue homens de mulheres são aspetos meramente biológicos.

Não é oposto, até o próprio símbolo implica um entrosamento, duas formas que se interligam...oposto não porque para criarem alguma coisa, têm de estar em movimento (...) existe uma pressão entre essas duas energias, mesmo dentro de cada um de nós. (E3)

A minha forma de ser masculino é uma dança muito bonita entre o meu masculino e o meu feminino porque eu tenho uma energia feminina muito ativa, apesar de me considerar heterossexual (E9)

Esse território, que para muitos parece inexplorado, ocupa um espaço paradoxal, dado que ao recusar as normas e divisões de género, transportam a sua identidade para um lugar aparentemente não binário. Não obstante, mantêm a sua identificação enquanto homens cisgénero, com um corpo e genitália biologicamente masculina. Deste modo, parecem criar uma relação mais fluída entre os dois lados do espectro (masculino e feminino), e estabelecem uma comunicação mais flexível entre estes. Compreende-se que estes homens querem, portanto, sair das caixas da hegemonia, continuando a inserir-se na categoria de homem. Nessa dança simbólica, e através de uma visão mais expandida sobre os géneros, ainda que as fronteiras se expressem mais ténues, estas permanecem. Mesmo que para os entrevistados, a(s) masculinidade(s) e a(s) feminilidade(s) não sejam absolutamente opostos, e compreendendo-as como um continuum, estas permanecem apartadas, mantendo-se o binarismo categórico (Grave et al, 2019). Além disso, enquanto agentes sociais de novas existências, que parecem ser órfãs de referências, sem visibilidade e sem modelos identitários (Seffner, 2003), os sujeitos mencionam a sensação de viver num limbo, entre um “eu” do passado e um do presente. Esse limbo carece da procura por uma sensação integradora de coerência, assim como de referências simbólicas que lhes sirvam como bússolas (Bento, 2015).

(“Então o que é ser homem?). Porque para ser homem, não posso ser como as mulheres. E quando as vê a fazer projetos, aquilo e tudo mais, eles pensam (“Ok, mas eu não posso ser como ela, então o que posso ser? Um brutamontes que habitamos a ter na sociedade enquanto homem? Então qual é o meu lugar? Eu não posso ser sensível, ser ligado às questões emocionais...”)). Eu sinto que há uma falta de referência ao homem por olhar para este lado da mulher bem resolvido. (...) Mas sim, isto do masculino é uma coisa complexa,

enquanto masculino é complexo querer situar num lado saudável...é complicado porque não tens referências, perdes as referências. (E6)

Tive que aprender na falta de referência que me fez, em muitos aspetos, andar à deriva por muito tempo. (E1)

A minha masculinidade era muito tóxica, porque não tinha exemplos masculinos...os meus eram todos maus. (E5)

O desenvolvimento da masculinidade está a mudar de ano para ano, mas não sei se está a evoluir (E5)

Ainda que reconheçam que ser-se masculino não se encaixa num conceito fechado, que se estende além das caixas e convenções sociais, e que se trata de um processo em construção que pode navegar toda a existência do indivíduo, os entrevistados referem ser frequentemente compelidos a voltar às predefinições hegemónicas, por forças internas e externas. Este polimento do masculino encontra aversões, críticas e distanciamentos dos homens que ainda não despiram essas lentes normativas. Além disso, ainda que reconheçam a força iminente das exigências do(s) feminino(s) em relação às falhas da hegemonia, o(s) próprio(s) feminino(s) parecem estranhar esta(s) forma(s) de ser masculino e, acabam inclusive por desempenhar um papel extensivo na perpetuação da hegemonia, ao afastar, questionar e desconsiderar essas masculinidades. Estas reações sociais revestem-se como mais um fator que compreende estas desconstruções, conduzindo-as a hesitações permanentes, nas quais encontrar a fluidez no que é ser masculino parece ser uma tarefa exigente.

“O conflito identitário se dá quando o processo ou desempenho identificatórios são atravancados por contradições internas a um sistema ou por incompatibilidade entre sistemas diversos, não conseguindo realizar as exigências da norma identificatória e vindo o sujeito a sofrer psicologicamente, sendo sua identidade interpretada como desvio da normalidade” (Costa, 1989, p. 22, citado por Silva, 2020, p. 121).

Tu entendes que atacam o homem tradicional, mas em parte e em muitos aspetos querem mantê-lo, o que é extremamente injusto (...) ou seja contestam a tua masculinidade por tudo, sejas sensível ou sejas demasiado duro, o que para nós é uma crise existencial gigante...o que nos faz retrain e fechar-nos em copas e jogarmos esse jogo o mais pragmaticamente (E1)

Olho para aqui, para onde estou agora, olho para os lados e é muito complexo porque tenho grupos que eu não me identifico...és escorraçado quando dizes que não concordas com x ou y. É preciso coragem para ser escorraçado e dizer que não concordas, mas enquanto homem é difícil porque o homem quer pertencer, mas pertencer a quê? Essa é que é a questão. (E6)

O que se verifica é que nesse percurso de construção e/ou fomentação das identidades masculinas não normativas vários são os impasses, uma vez que estas se formulam no encontro do subjetivo com as estruturas de poder social e com as próprias dinâmicas e vivências interrelacionais (Pimenta, 2012). Deste modo, a (co)criação de um masculino parte de movimentos de contração e expansão, promovidos por forças ora internas, ora externas que concretiza a edificação de pluralidades identitárias masculinas, ou o fechamento identitário do masculino (Silva, 2006). Tal como refere Berenice Bento (2015, p. 200) “(...) os homens entrevistados buscam redefinir suas identidades de gênero, mas que vivenciam tal processo através de conflitos internos e limitações externas”. É, portanto, um exercício intimista que se compõe na colisão das diferentes versões de cada indivíduo - as abandonadas, as transformadas e as que ainda se encontram em construção, transbordando em formas plurais de se ser masculino (Bento, 2015).

O outro lado do Privilégio

Ser homem cisgênero, ainda que com as suas nuances e dilemas, é habitar inerentemente um local de privilégio. No entanto, se considerarmos outros cruzamentos interseccionais, como a etnia e a classe, damos conta de outras matrizes capazes de atribuir diferentes contornos a esse mesmo privilégio. Ainda assim, o seu formato masculino permite que os homens se movam tendencialmente entre espaços de maior privilégio, quando comparados por exemplo a sujeitos femininos. Todavia, esse privilégio não vem só. O homem vê-se associado a papéis identitários e tradicionais específicos – o de provedor, de marido, o de pai, chefe de família, entre tantos outros, que parecem impor que a sua existência enquanto homem não é atributo suficiente para que seja válida (Vale de Almeida, 1995). Com intuito de exercer esses papéis e condutas, a definição do masculino encerra-se em polaridades essencialmente negativas – “não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser mulher ou homossexual, não amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não ser um fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, etc.” (Silva, 2006, p. 126), ou em polaridades positivas que complementem e/ou

sustentem as negativas - “ser forte, corajoso, pai, heterossexual, macho, viril, provedor da família, dominador, destemido, determinado, autoconfiante, independente, agressivo, líder, etc” (Silva, 2006, p. 126). O efeito colateral destas imposições resulta na invisibilização do outro lado do privilégio. Ao impedir que a masculinidade seja vivida de uma forma fluída, flexível e passível à mudança, e procurando conter e regularizar o seu lado feminino (Vale de Almeida, 1995; Vale de Almeida, 2018), assistimos à objetificação do(s) homem(s). Esta perpassa a exigência do “ter” - “força, dinheiro, músculos, um corpo definido, um pênis, um cromossoma Y, um lar, um filho homem, controle das emoções, emprego fixo e tantas mulheres quanto fosse possível durante sua vida sexual ativa” (Silva, 2006, p. 126) e do “fazer” - “fazer um filho”, “manter relações sexuais com várias mulheres”, “sair de situações difíceis”, “servir à pátria”, “sustentar a família” (Silva, 2006, p. 126).

Desde tenra idade não nos dão escolha e fazem-nos crer acreditar nas regras do jogo, no sentido em que só mulheres, crianças e animais são amados incondicionalmente e o homem só é amado sob a condição de providenciar algo. (...) E eu compreendo que a maioria dos homens chega a uma certa altura em que não se sente ouvido, respeitado porque há uma certa objetificação para com os homens que é (“Eu não te valorizo pelo que és, valorizo pelo que és capaz de gerar.”) e isso é muito duro de ouvir. Ou ficas cada ressentido, deprimido e viras uma máquina de trabalho ou transformaste num player e comesças a jogar. (E1)

Mais próximos, ou não das ideologias hegemónicas, do “outro lado da trincheira” (E1) os homens são também vítimas dos anseios das concepções hegemónicas, que se revestem de uma certa utopia. A procura contínua por corresponder e desempenhar os papéis e valores que lhes são impostos, condu-los a um desgaste existencial. Agregado aos efeitos nocivos do silêncio emocional masculino (abordados no subtema “Repressão Emocional”), estes elementos poderão conduzir a efeitos precários ao nível da sua saúde biopsicossocial.

Mas o que é ser um homem? Nunca quiseram vir para este lado da trincheira, ninguém quer saber dos problemas masculinos. É isso que nós sentimos e é por isso que nos fechamos. Ninguém quer saber da nossa saúde mental, as maioríssimas taxas de suicídio são de homens, maior taxa de sucesso escolar é de homens, maior taxa de população prisional é de homens, maior taxa de sem abrigos são homens (E1)

E digo isto porque já fui assim, eu tinha uma tristeza tão grande dentro de mim e não sabia o porquê...e depois percebi de onde isso vinha. Por isso

consigo ver-me agora num outro masculino, mais equilibrado, mais doce.
(E8)

A luta pela equidade do movimento feminista, entre outros movimentos sociais também permitem aos homens serem “mais humanos e menos robotizados ou ‘gorilas’” (Cordeiro, s.d), citado por Marques, 2021, p. 22).

Só mesmo em contextos específicos em que sinto que consigo tirar a armadura e (“Não me apetece ser guerreiro agora, apetece-me ser só o miúdo assustado que também sou.”) (E1)

No entanto, as forças opressoras identidades de género, mantêm a sua presença e regulação e, assim, ainda que os homens procurem seguir vias dissidentes e (re)construir as suas masculinidades sob edificações éticas diferentes, estes continuam a ser homens, ou seja, continuam a ser alvos, direta ou indiretamente, dessas regulações sociais. Reconhecendo que o seu lugar de privilégio implica uma subalternidade, os participantes constataam que, num sistema desigual, em última instância ninguém ganha.

Acaba por ser uma pescadinha de rabo na boca, porque quanto mais tu beneficias uma secção da sociedade em detrimento da outra, o que acontece é que nenhuma vive bem. Enquanto houver noções da masculinidade que ponham tudo o que não responde ou respeita essas noções de masculinidade num canto, nunca nenhum homem nem mulher terá uma vida plena (E2)

Isso funcionou até uma certa altura, até eu perceber que não era justo e a perceber os problemas que isso me trazia à minha vida, às minhas relações, às minhas formas de estar que, de nada eram saudáveis. (E9)

Eu nem senti muito a cobrança do meu seio ao longo do crescimento sobre os estereótipos do que é ser homem, aliás eu até me senti muito privilegiado e, se calhar eu fiz a mudança até porque era um privilegiado (...). Eu tive de chegar a um ponto em que pus em causa os privilégios que eu tinha, e que me sabiam bem, mas mesmo assim, houve uma altura em que eu percebi que mesmo com esses privilégios, eu podia obter outro prazer, de outra forma e, uma outra paz na vida que não a de superioridade sobre a mulher. (E9)

Ora, a posição crítica face ao seu privilégio resulta na compreensão de ganhos e facilidades, perdas e dificuldades, que pesam tanto para homens, quanto para mulheres. Adicionalmente, concebem que a única linha de fuga deste cenário seria um espaço de justiça para todos e, dessa forma, a luta de um é a luta de todos, inclusive “a libertação das mulheres

será também a dos homens” (Kimmel, 2015, cit. in Marques, 2021, p.49). Reconhecer o outro lado do privilégio não se traduz, contudo, a uma tentativa de desresponsabilização do masculino e da sua influência nas estruturas sociais desiguais (Silva & Melo, 2021). Trata-se de uma reflexão holística que, através da objetividade, se debruça em apurar as vias pelas quais este sistema patriarcal, capitalista e hegemónico é nefasto, para todos os elementos que o compõem. Ao confessarem-se enquanto produto e produtores da realidade que vivem, e enquanto fator de manutenção, constata-se a possibilidade de assumir um outro papel: o de aliados aos movimentos feministas de luta pela igualdade. Sob essa perspetiva, a masculinidade não tem de se encerrar em si mesma, todos podem ser versões ilimitadas e indeterminadas de si. Em suma, “só questionando criticamente o lugar de privilégio que ocupamos na sociedade, (...) assumindo a nossa responsabilidade de promover novos modelos de masculinidade, poderemos ser homens fora da caixa. Sem amarras. Sem máscaras. Livres, por fim” (Marques, 2021, p. 50).

Na exposição que fomos tecendo ao longo destas reflexões, iluminamos as feridas ocultas provenientes do peso das exigências hegemónicas sob o(s) masculino(s), o que por sua vez nos permitiu compreender que a vivência masculina se vê envolta da sensação de não pertença que invade a sua existência social. Entre encontros e desencontros com a hegemonia, estes homens deslocam-se por contradições, onde identificam privilégios que na sua génese teórica lhes facilitariam a vivência, mas onde também encontram dificuldades. Por outro lado, a recusa destes mesmos privilégios transporta-os simultaneamente para um lugar de sofrimento e isolamento (Pimenta, 2012).

Negociações com a “Ditadura” Sexual

As existências sexuais têm um papel extensivo nas identidades masculinas. A sua fusão tem por base a heteronormatividade compulsória (Rich, 2012) que automatiza as identidades e vivências sexuais do(s) masculino(s) num construto único, estático e pronto – a heterossexualidade. “(...) presumindo que todas as pessoas são heterossexuais ou, ainda, que deveriam sê-lo” (Nielsen, Walden, & Kunkel, 2000, citado por Moura, 2014, p.3). Ao marcar o compasso da sua existência, a heterossexualidade perfura as dimensões do ser masculino, desde o âmbito familiar, social, profissional e no próprio *status quo* do sujeito. Além de enclausurar “(...) os desejos corporais e a sexualidade dos indivíduos, a heteronormatividade normatiza, inclusive (...) modos de ser e agir dos indivíduos” (Moura, 2014, p.3), “(...) bem como das expressões, gestos, ações e formas de pensar de um grupo de indivíduos” (Moura,

2014, p. 12). Sob a tirania da premissa sexo-gênero-sexualidade (Moura, 2014) observa-se a compulsão social associada à heterossexualidade, que permite unicamente esta sequência única - de que cada gênero se interessa apenas pelo seu oposto. Esta seria a natureza da dimensão afetivo-sexual dos indivíduos (Ribeiro et al., 2014; Moura, 2014; Cunha et. al., 2012).

Ao assimilar que cada indivíduo seria masculino ou feminino, sem opções intermédias, tendo por base apenas o seu sexo, as características físicas e os traços comportamentais são também eles interpretados como pertencendo apenas ao masculino ou ao feminino. Perante estes esquemas de gênero, as identidades sexuais são igualmente influenciadas pelo social e perspetivadas como naturalmente dadas, de acordo com o gênero no qual o/a indivíduo se inseria. Perante um modo não democrático de vivenciar a sexualidade, a orientação sexual apresenta-se, adicionalmente ao gênero como um organizador cultural, no qual a diversidade é vista como anómala. Tudo quanto se identificasse enquanto diversificado era concebido como minoria, nas quais se incluem as identidades de gênero dissidentes e as orientações sexuais alternativas, que eram filtradas, excluídas e/ou demonizadas (Almeida, 1995). É no decorrer deste panorama social que a repulsa da homossexualidade, como supracitado, se transforma em uma das características basilares da masculinidade tradicional. Assim, as identidades heterossexuais assumem um peso preponderante na totalidade das entrevistas, como acima exposto, mas assiste-se de igual modo à tentativa de desconstruir e de se posicionarem de outro modo relativamente a um modo heteronormativo de agir e existir.

Não, para nada, até porque já conheci pessoas gays e eram masculinos...são iguais a nós, mas gostam de homens. Não acho que por gostar de homens lhes tire a masculinidade. (E7)

A heteronormatividade compulsória estigmatiza práticas, atitudes, e comportamentos dentro da própria vivência sexual entre homem-mulher, balizando não só o gênero com que cada um se relaciona, como as formas como se relaciona com o(s) mesmo(s). No decorrer disto, e interligado ao imperativo biológico (que se cruza com o conceito de gênero), as características do masculino/feminino eram edificadas nos papéis que cada gênero assume nas vivências sexuais – homem é associado a um papel de ativo e dominador e, a mulher a um papel passivo e submisso. “(...) os quais definem as características e os comportamentos sexuais apropriados e aceites/proibidos para homens e mulheres e podem ser resumidos nas dicotomias homem sexual vs mulher emocional e homem ativo vs. mulher passiva, respetivamente” (Blakemore et al., 2008 citado por Amaro et. al., 2021, p. 54; Howard & Hollander, 1997, citado por Amaro et. al., 2021, p. 54). A noção de Duplo Padrão reporta para um “padrão diferencial de avaliação

da conduta sexual, mais permissivo face à sexualidade masculina e mais restritivo face à feminina” (Reiss, 1960, citado por Amaro et. al, 2021, p.53) e intervém também na crença que a sexualidade legítima a identidade masculina e, em oposição, diminui a feminilidade, o que reforça desigualdade de géneros.

(...) porque também trazemos esses valores ou estigmas em volta das masculinidades porque para nós homens, é parte da tua masculinidade, durante muito tempo tive esse conflito pessoal (...) estar aí desesperado todos os dias à procura de uma aprovação que nem sabes de onde, à procura de uma manutenção sexual que te foi exigida. (E1)

A vinculação destes discursos e, do processo de homogeneização das sexualidades masculinas e femininas inerente aos mesmos, à manutenção da identidade masculina atribui à sexualidade um enredo único. Sob essas lentes, a sexualidade masculina assume os princípios de “(...) supervalorização do sexo e da boa performance sexual e a ideia de desejo sexual constante” (Ribeiro et. al, 2013, p.484) e, inclusive de secundarização do prazer feminino, ou até a negação do mesmo. Através da análise dos resultados, compreende-se que a descolonização desses paradigmas, ao longo dos seus processos de maturação individual, guia os entrevistados a revisitar as suas crenças, práticas e comportamentos dentro da sua sexualidade, inclusive dentro da sua heterossexualidade. O carácter diverso das respostas demonstra como a sexualidade é, acima de tudo, uma vivência subjetiva e, ainda que as respostas se toquem em diversos pontos, são múltiplas e sujeitas a contínuas reformulações.

(...) há um espectro de sexualidades e um espectro de identidade de género e uma coisa não tem a ver com a outra- podes ser um homossexual muito macho e um heterossexual muito sensível, resgatando esse arquétipo que infelizmente temos de lidar (E2)

(...) Há vários níveis de sexualidade, hoje consigo ver que sexo não é o ato sexual, o ato sexual é também uma das vertentes da sexualidade. Mas a sexualidade é, no fundo a maneira como vives o teu dia, como honras o teu dia, como o deixas o teu dia e o que a vida te traz no dia, como ela te penetra e tudo tornares-te permeável ao que o mundo dá. O ato sexual é uma parte da sexualidade. (E6)

(...) eu fui percebendo que a minha sexualidade tinha que mudar, senão seria muito redutora. (E9)

(...) Percebi que também é másculo ter critérios, tanto com as minhas emoções, quanto com quem deixo entrar na minha intimidade. (E1)

Ainda que assumam a sexualidade como parte constituinte da experiência humana, o processo de desvinculação da(s) masculinidade(s) e sexualidade(s) parece ser produto das suas reformulações individuais.

Enquanto homem não, é taxativo, não vejo que a prática sexual possa fazer-me sentir mais, ou menos homem. Enquanto ser humano a prática sexual me confere algum sentido de validação, sim (E6)

A masculinidade muitas vezes é definida através da própria sexualidade em si (“Tens de comer gajas, sair à noite”) e parece que para a sociedade a masculinidade é justificada através da própria sexualidade e, para mim também não funciona assim. (E2)

Além dos scripts sexuais

Ao servir de eixo estruturante na(s) sexualidade(s) masculinas, a heteronormatividade e os conceitos hegemónicos dos quais ela bebe, delineia a expressão sexual dos homens através de roteiros sexuais delimitantes e estagnados. Para Gagnon (2006) os roteiros constroem-se a partir de vivências sexuais que se inscrevem na consciência, formulando *scripts*. Tais enredos reduzem a experiência sexual à área genital e são materializados no ciclo de resposta sexual (Master & Johnson, 1970) que se organiza, segundo os autores, em quatro fases: excitação (ereção); platô (excitação contínua); orgasmo (ejaculação); resolução (estado subjetivo de bem-estar). Ao instituir os referidos elementos a componentes únicos e incontornáveis da sexualidade masculina, há uma apropriação do espectro de desejo sexual masculino, e a manifestação do mesmo, posto que os confinam a expressões finitas e universalizadas (Rich, 2012).

As narrativas sexuais dos entrevistados comprovam que, ainda que tendo por base a socialização sexual acima apontada, num exercício íntimo e complexo, os sujeitos têm vindo a (re)significar esses enredos e (re)escrever os seus próprios roteiros. Emergem duas grandes (re)formulações – a sexualidade além do ato fálico, e o orgasmo masculino como parte, e não somente o fim. Ao problematizar os roteiros sexuais, os entrevistados parecem enquadrar além dos aspetos fisiológicos da sexualidade, aspetos emocionais, intelectuais, espirituais, bem como as suas dimensões subjetivas no seu entendimento do que é a sexualidade (Marques et.al., 2012). À luz disso, as suas visões pontuais para uma sexualidade que vá além da abordagem redutora

da ereção - ejaculação, integrando outros momentos nesse intermédio, outros locais de prazer, outras preferências, sequências, e descobertas sexuais. Assim, os sujeitos reconhecem que o corpo erótico se estende além da genitália, nomeadamente nos homens. Um dos entrevistados pontua, inclusive que a aparente inexistência de zonas de prazer além do pênis é fruto da inibição da exploração do corpo masculino:

Não, de todo porque duas coisas- a primeira é o simples fato de existirem monte de zonas erógenas, só aí já desmonta completamente essa ideia. (...) Pode ser simplesmente um enviesamento da nossa perspectiva, dito neste caso em específico que acabei de mencionar- o fato das mulheres parecerem que têm mais zonas erógenas do que o homem pode depender de que ou esses pontos são mais explorados, ou simplesmente são mais bem aceites (E2)

Reconhecer outras áreas de prazer é reconhecer a sexualidade além da penetração, desmistificando-a como uma jornada de prazer que se desloca por vários destinos, ora convencionais. ora inexplorados. “Da nuca às axilas, tudo o que a pele envolve pode provocar a erupção do erótico como manancial de poder interno” (Lorde, s.d., 1984, citado por Escaleira, 2020, p.122).

E nessa rendição descobres lugares de prazer e lugares orgásticos de outras formas. (E6)

(...) Mas não tem de ser só penetração, há outras formas, sinto prazer de outras formas e acho muito importante. Foi algo que fui desmistificando, efetivamente a penetração estava muito mais associada ao prazer, mas fui percebendo que ia além disso. (E8)

Na existência de outras zonas erógenas, a jornada do prazer pode então assumir sentidos múltiplos, podendo, de igual forma, não ter um destino final possibilitando um processo de deleite contínuo nessa viagem de procura pelo prazer. O que se assiste nos relatos é que os *scripts* sexuais anunciam continuamente um mesmo desfecho – a ejaculação, sendo que muitas vezes a sexualidade se perde nessa corrida rumo a esse objetivo final.

Muitas vezes colocamos demasiada pressão no nosso orgasmo, o que é castrador, tanto pelo julgamento pessoal, ou julgamento externo (E1)

E, por outro lado sentir que (“Eu tenho de me conter para que isto não termine já”) é uma pressão enorme! (E2)

Revogar a obrigatoriedade do orgasmo masculino abre espaço para uma experiência na qual o orgasmo se torna uma consequência positiva de uma

troca/ vivência. Eu sou uma pessoa que adora preliminares, muito antes da penetração e o orgasmo é um detalhe muito feliz que podemos celebrar os dois...(E1)

Estas reformulações parecem retirar a experiência genital do centro da troca sexual, e amenizam, em paralelo, a pressão existente sobre a sua performance. Assim, as preocupações com a manutenção da ereção por um longo período de tempo, e a retração da ejaculação com intuito de prolongar o ato parecem ser suavizadas pela admissão de que, o orgasmo masculino e o advento da ausência de ereção não precisam de anunciar o fim da troca sexual.

Há uns anos atrás se tivesse com a minha parceira e não tivesse um orgasmo, seria a maior frustração do mundo. Hoje em dia, com a minha parceira posso ter x envoltórias com ela durante o dia e não ter nenhum orgasmo e estar bem, estamos em paz com isso. É tão prazeroso, ou mais porque acaba por ser muito mais duradouro. (E9)

Descentralizar a sexualidade desses dois momentos – penetração e ejaculação – parece ser um ato revolucionário e libertador para os sujeitos, que começam a reconhecer a sexualidade como um continuum, não limitado por isso a um mero encontro consigo mesmo ou com o outro.

(...) A sexualidade, para mim poder ser desde o estar a tomar café na rua, o contacto, o carinho, a qualquer outro gesto de carinho e não tem de ter apenas penetração ou toque sexual. Fazer amor pode ser desde que se acorde, até à noite, mesmo que sem outras pessoas, mesmo sem haver nada perverso. Sexualidade é isso para mim hoje em dia. (E9)

Através desses fragmentos de narrativas, e das abordagens de teóricos (Carvalheira, 2018; Gomes, 2011) sobre as novas roupagens da sexualidade, assimila-se que no combate à monocultura sexual, ainda presa às visões hegemónicas e heteronormativas, novos discursos e posições acerca do sexual vêm a crescer no coletivo masculino. Além da inserção de outras orientações sexuais, e de outras identidades de género, destaca-se a incorporação de sexualidade múltipla e vasta, nomeadamente no formato heteroafetivo. “Ao lado de outras identidades sexuais e de género, a heterossexualidade faz parte de um leque multifacetado” (Escaleira, 2020, p.105). Ao tornar a(s)sexualidade(s) mais plásticas e amplas percebe-se que “hoje, a sexualidade é algo que cada um de nós «tem», e já não uma condição natural, é um traço do self, moldável, um ponto de junção entre corpo, auto-identidade e normas sociais” (Giddens 1992, citado por Vale de Almeida, 1995, p.99). Será, contudo, irrealista assinalar que estas desconstruções são sinónimo de um abandono integral dos enredos sexuais dominantes. Na verdade, parecem

materializam-se através de deambulações constantes entre velhas atitudes e novos comportamentos (Carvalheira, 2018).

Os ecos da Pornografia

Perante a carência de guiões que não os hegemónicos, performatizados nos filmes pornográficos *mainstream*, os indivíduos referem a pornografia como o primeiro contacto com a sexualidade. Assumindo um papel pedagógico, e de primeiro exemplo de como a sexualidade se desenrola, a pornografia parece cristalizar certas crenças, práticas e formulações sobre o sexo e as dinâmicas de género inerentes ao mesmo. No entanto, os conteúdos pornográficos não se prestam a propósitos pedagógicos, estes são instrumentos performativos de exercício sexual. Se o enfoque for sob a pornografia massificada, à qual os participantes se referem, assistimos à reprodução assimétrica de géneros, de corpos e vivências sexuais performatizadas sob um sistema de dominação implícita (Borges & Tilio, 2019). Com base numa matriz heteronormativa e hegemónica, o conteúdo pornográfico é, portanto, um instrumento performativo e não formativo, que dissimula trocas sexuais baseadas no duplo padrão – “apresentam as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens” (Rich, 2012, p.27). Essas formulações foram contestadas por alguns dos entrevistados:

(...) porque depois a pornografia é uma escola horrível, mas é a única referência que muitos homens têm. (E1)

Estão ali a ser desempenhados papéis que o patriarcado, e todos enquanto sociedade estamos a promover que são- o desrespeito pela mulher, uma suposta superioridade da parte do homem... (E6)

Obviamente toda a gente viu, de início quando és criança e comesas a ver e são as primeiras experiências...acho que má. (...) Se tu cresces a pensar na performance, a pensar que eu tenho de fazer como nos filmes, a puxar cabelo etc. etc... há quem goste, e que gostam. Se é com respeito, sim. Mas sendo criança, tu cresces a achar isso, que tu mandas e ela é um objeto sexual. Depois crescer e se tiveres a maturidade percebes que não pode ser assim.(E7)

Reconstruir a masculinidade implica reconstruir a relação com o feminino, questionando todos os espaços físicos e simbólicos aos quais este ainda está sujeito (Bento, 2015). Ao se esbater assimetrias nos universos desses homens em desconstrução criam-se movimentos que ecoam do micro para o macro, nas diversas componentes existenciais, inclusive na sexualidade, e especificamente na heterossexualidade – na qual a vivência sexual pode ser exercida horizontalmente, sem dominação/sobreposição de um gênero em relação a outro (Escarleira, 2020). A performatividade de gênero que é reproduzida nestes conteúdos tem implicações de cariz negativo também para o(s) masculino(s) - os ideais de corpos e de performances divulgados professam formas sintéticas de experienciar a sexualidade e percepções irrealistas dos organismos corpóreos (Borges & Tilio, 2018). Com influência na consciência coletiva, a artificialidade da sexualidade e de seus corpos, cria homens inseguros com a sua aparência e insatisfeitos com a de seus/suas parceiros/as.

(...) parece que ficas triste com a expetativa porque a pornografia e as redes colocam a expetativa de corpos tão perfeitos que quando vês alguém real, parece insuficiente. (E1)

Aparentemente insensíveis para o real, a materialidade do sexo e dos corpos deixa de pulsar nas sexualidades masculinas. Em virtude disso, as trocas sexuais são muitas vezes o cruzamento de dois corpos (ou mais) que performam no real aquilo que consomem no irreal, criando um hiato impenetrável entre o que desejam e o que obtêm.

Quando queimas os teus olhos e ficas dessensibilizado para aquilo que é o sexo, acabas por deixar de apreciar a subtilezas dele (E2)

É como disse, nós levamos as coisas para o ato sexual. E se recorres à pornografia, estás sempre em fuga e nunca enfrentas isso. A nível prático, houve vezes em que para ter ereção, para atingir o orgasmo até, eu recorria à memória visual da pornografia (E6).

A valorização do aspeto técnico da sexualidade, intimamente conectado com a questão da performance, foi outra crítica feita pelos participantes à influência do consumo pornográfico. De acordo com estes, a performance veiculada na pornografia aprisiona o homem a expetativas e práticas irrealistas:

(...) questão do sexo performático, na questão de estar sempre, por mais que nunca tenha achado que era só por penetração/ejaculação, eu sempre busquei e, parece que tu querias uma caminhada para chegar lá...E isso sempre foi muito forte e me influenciou bastante na forma como lidava com sexo. (E4).

Em paralelo, a fragmentação dos afetos e da dimensão emocional na sexualidade foi outra lacuna apontada pelos sujeitos relativamente à sexualidade pornográfica. Ao alocar o feminino na sua identidade masculina, a dimensão afetiva perpassa todas as áreas existenciais do(s) masculino(s), incluindo a(s) sexualidade(s).

(...) eu nunca senti motivação de me exprimir, ou de dar amor e prazer, naqueles contornos e naquelas formas. (E3)

Influenciava porque estava ali com a cabeça e não com o coração, poderia ter contribuído mais para esse momento a dois de uma forma mais amorosa, mais tranquila, de companheiro...mas estava só focado em mim. (E8)

Quando conceptualizada através de lentes holísticas, o afeto, a intimidade, e outros saberes e sabores entram dentro do universo sexual dos entrevistados. Assim, orientados para a fuga destas condicionantes, as trajetórias masculinas dos participantes para com a sexualidade, permitem novas existências sexuais. Com base numa posição crítica, ressignificam a relação com a pornografia massificada, essa ressignificação sugere ou uma diminuição no consumo dos filmes pornográficos, ou a recusa desse consumo, ou num consumo consciente, crítico e distanciado.

E foi meio que natural essa ressignificação do sexo, do auto toque, do corpo, do sentir, do prazer e, passou a não fazer mais sentido. Nem foi uma coisa que eu tenha decidido (“Ah, amanhã não vou ver mais vídeo porno”) foi uma coisa natural porque foi apercebendo que não faz o menor sentido. (E4)

Cada vez mais me tenho desvinculado, mas é um conceito presente ainda. Eu reproduzia essa rigidez, esses passos durante muitos. Hoje ainda consumo, muito raramente mas consigo distanciar isso da realidade do que é o sexo(E9)

O condicionamento do prazer masculino é também alicerçado ao vínculo entre pornografia e masturbação, posto que a mecanização do ato masturbatório sujeita a ejaculação, no sentido em que este estado de prazer é apenas alcançado de uma determinada maneira, com determinados estímulos.

Do impelido para o sentido

Nestas transmutações de ordem identitária e, conseqüentemente afetivo-sexuais, novos elementos são adicionados nas práticas relacionais, afetivas e sexuais dos homens. O maturar dos corpos masculinos e seus sistemas biopsicológicos provocam ruturas nas formas de viver e

articular a sexualidade. Embora as previsões das evidências científicas se traduzam em mudanças de cariz biológico e fisiológico, na sexualidade masculina a partir dos 50/60 anos - (Kaplan, 1974), os entrevistados referem mudanças na sua vivência sexual a partir dos seus “trintas”:

A tua libido desce, a partir dos 30's a produção de testosterona começa a cair..., mas lá está, altera-se a performance física. (E1).

Atenuando os excessos da adolescência e/ou juventude, onde se experiênciam um pulsar do desejo à flor da pele, o amadurecimento tende a desvanecer esse desejo desenfreado. Assim, o apetite sexual vai admitindo novos contornos, o que consequentemente pode desencadear outra frequência sexual. O desempenho físico também se altera, seja por fatores biológicos, psicológicos, sociais e/ou contextuais – nomeadamente os quotidianos exaustivos que nos envolvem, entre os outros fatores já mencionados (Sousa, 2013). Se os ritmos se alteram, com tendência para o decréscimo e para a lentificação, o prazer parece seguir uma ordem inversa, posto que o amadurecimento pode intensificar a magnitude dos sentidos e dos sentimentos envoltos à sexualidade. “É a intimidade erótica aliada à maturidade e às vantagens da experiência” (Carvalheira, 2018, p. 203). Vários sujeitos entrevistados formulam a conjugalidade como desfecho (Rosane Cunha et. al, 2012. p. 1430) e como elemento promotor da desconstrução acerca do sexual, sendo que é na troca com o outro (essencialmente com o feminino) que as transgressões à heteronormatividade vão se fomentando, estruturando e praticando. Ao expandir os limites impostos pela Heteronormatividade/ Hegemonia em relação à sexualidade, e numa busca por coerência, pela demarcação de limites e pelo habitar de um espaço nessas transgressões, as subjetividades sexuais masculinas vão se aproximando mais dos instintos e menos do racional. O racional implicaria, portanto, a opressão hegemónica que orbita a socialização sexual, todavia ao equacionar o prazer e outras subtilidades no sexual, a sexualidade aproximar-se-ia mais dos instintivos (Escaleira, 2020; Gomes, 2011).

Não ser vítima nem de conceito externos a nós, nem das nossas próprias expetativas, é o aspeto mais valioso que ganhei. E o de conseguir discernir aquilo que eu consigo fazer e aquelas que são as expetativas... (E2)

Ora se a frequência deixa de ser a única medida, estes discursos sexuais são o ponto de encontro entre os corpos, as emoções e os afetos. Em desconstrução e mais confortáveis nas suas masculinidades, invocam, inclusive elementos femininos nos seus corpos e papéis sexuais masculinos, vendo o desejo como plural que “não monarquiza gêneros ou partes do corpo”

(Escaleira, 2020, p.122). Permitir-se a outras formas de ser masculino é, portanto, permitir-se a outras formas ter prazer.

O aspeto que tem vindo a mudar mais é o contacto, qualquer parte do corpo pode ser erógena, não tem de ser só os órgãos genitais, e partir daí são muitos mundos que se abrem. Se o parceiro tiver a mesma perspetiva, muita coisa pode acontecer aí, tal como o próprio gesto, o carinho, as palavras...tudo isso é fazer amor. Deixa de ser um ato mecânico. (E9)

Para Ana Sousa (2013), o significado que se atribui à vivência sexual é o fator determinante para a satisfação individual, visto que perante condicionantes biopsicológicas, as limitações podem significar novas oportunidades e alternativas sexuais. Ainda que se trate sempre de tendências subjetivas, sob esta ótica, a intimidade, o companheirismo, o erotismo, etc., incorporam-se organicamente dentro das subjetividades sexuais dos entrevistados. Atenuando as alienações sexuais do social, os sujeitos referem uma maior abertura para novos ritos e ritmos, para acolher carências e carinhos, para manifestar ternura, sensualidade, sensibilidade e diversidade.

Acredito que o amor, intimidade e o prazer estão noutros planos, emocional, espiritual... e aí o corpo pode ficar obsoleto, mas posso envelhecer em paz a amar como um jovem. (E1)

A tranquilidade é outra, o momento com o outro é de uma forma mais doce, mais tranquila, mais emocional, o que não quer dizer que não haja um momento outro que é de uma forma mais desinibida, mais solta. (...) Eu estar mais na minha essência, ir ao encontro de quem eu sou e não de quem eu era. (E8)

Ao apropriarem-se das suas sexualidades, as suas vivências e experiências de teor sexual provam-se enquanto atos de resistência. Reivindicar os seus corpos e a sua autonomia, é ir de encontro a quem são, procurando abandonar os preceitos externos que lhes tentam impor quem devem ser. Nessas aparentes transgressões, o masculino permite-se à exploração de vias múltiplas a partir das quais podem viver e experimentar o corpo e as suas sensações corpóreas, podendo nesse pulso reverter a via monolítica da Hegemonia.

Considerações finais

Ao adentrar nos masculinos imaginava ir ao encontro de masculinidades não hegemônicas, de vivências nas margens do(s) masculino(s.) Todavia, ao escutar de perto as suas vozes, percebeu-se as inevitavelmente acopladas às exigências normativas. Reconhece-se também, que se antecipava alguma neutralidade neste exercício, e ainda assim caímos em binarismos, também não se é impune a estes organismos reguladores.

Este estudo, que se propunha a narrar masculinidades diversas, desdobrou-se num mapeamento dos poderes do patriarcado, iluminando os dispositivos que o sustentam e as dimensões em que se alastram. O intuito não seria colocar a *Masculinidade Hegemônica* no holofote, contudo não se pode debater sobre formas diversas de se ser masculino, sem evocar as condutas do “ser homem”. “A hegemonia masculina ainda impera, mas é vista com outros olhos. É questionada, criticada e busca-se até a sua derrocada, uma vez que ela traz consigo uma série de atitudes, pensamentos e diretrizes consideradas estapafúrdias para os dias pósmodernos” (Souza & Souza, 2021, p. 133). Ampliando e resgatando os pontos culminantes do estudo, os autorretratos que se foram tecendo confirmam que, tal como qualquer outro processo identitário, a construção destas masculinidades são um processo em constante movimento. Além do mais, embalam-se num contínuo, não existem apenas na dualidade. Assim, nas suas formas desiguais de serem masculinos, veem a sua existência convergir num espaço comum - a do masculino hegemônico em desconstrução.

Ao reivindicarem a sua identidade, ousam construir-se num limbo entre o normal e o (a)normal, no qual as suas trajetórias são atravessadas por continuidades hegemônicas e, em simultâneo, fragmentadas em outras formas plurais de ser masculino. Nesse abismo entre o certo e o errado, entre conflitos e sofrimentos identitários, as suas subjetividades debatem-se e a solidão emerge como consequência (Silva, 2006; Silva, 2020).

Sendo o homem um sujeito que se constrói na linguagem, estas masculinidades fundam-se também elas sob novos sistemas simbólicos e, consequentemente, novos discursos. Discursos estes que se envolvem numa matriz igualitária, a partir da qual idealizam dinâmicas de género mais horizontais e das quais resultam novas práticas relacionais, que se estendem inclusive para o âmbito da sexualidade.

Considerando os resultados obtidos, percebe-se como determinante para a construção destas subjetividades masculinas a disponibilidade para a mudança e a reflexão crítica sobre as suas individualidades, bem como a consequência destes processos para o Todo. Em comum, todos estes homens partem da mesma base - do Patriarcado e das vozes que ditam a hegemonia,

e a maioria procura, ainda, distanciar-se desses polos, movendo-se para as suas margens. Assim, ao esbater-se as fronteiras do binarismo categórico, integram em si o feminino e o masculino, que os habita de igual modo, o que permite novas formas de experienciar a vida social e íntima.

Ainda que não tenham atravessado todas as suas fronteiras, todas as suas crenças limitantes, ainda que estejam no processo de perceber quem querem ser e, ainda que as suas falas nem sempre reflitam mudanças do foro comportamental, as suas existências constituem, por si só, contra-discursos. A vivência integral do corpo e da sexualidade contrasta com a performance exigida pelo patriarcado, pelo que ao afirmarem os seus desejos, vontades e emoções mais profundas em detrimento do que lhes é imposto, configuram as suas existências de um potencial libertador. As suas identidades e sexualidades, quando vividas nos seus próprios termos, subvertem o cenário de regulação onde até então se encontravam e criam um ponto de rutura, uma possibilidade de viverem segundo o que lhes faz sentido, sem invalidar nesse processo nenhuma outra existência.

Nestas narrativas, nestes encontros e desencontros, a ideia transversal a todo o estudo passa por reconhecer o masculino como um todo variável, no qual a diferença rejeita o formato de hierarquia e se manifesta enquanto elemento de diversidade.

Conclusão

Por se tratar de um estudo de cariz qualitativo, a presente investigação apresenta algumas limitações. Uma vez que a amostra foi recolhida por conveniência é possível que alguns entrevistados partilhem redes de contacto, o que pode ter gerado um carácter homogéneo ao nível dos participantes. Assim, na inexistência de características sociais diversas, como outras etnias, culturas, idades, identidades de género, diferentes orientações sexuais, etc., deparamo-nos com uma amostra na qual a interseccionalidade não se apresenta.

As investigações futuras encontram nestas lacunas oportunidades para ampliar os alcances desta pesquisa. Deste modo, e uma vez que ainda há necessidade de estudar se debater estas temáticas, para investigações futuras pode ser pertinente alargar a amostra a contornos sociais ainda mais variados e, inclusive analisar como estas vivências se manifestam em corpos não cisgéneros. Igualmente interessante seria observar estas vivências sobre o recorte da orientação sexual, analisando em maior detalhe como estas se distinguem sob orientações sexuais diversas. Sendo a sexualidade uma força motriz da construção identitária da(s) masculinidade(s), como supramencionado, pode também ser significativo analisar como as identidades masculinas são construídas em vivências assexuais. Poderá, ainda, ser relevante compreender como o feminismo pode acolher, acompanhar e apoiar os homens neste processo de desconstrução das influências hegemónicas.

Emerge, por fim, a necessidade de se criar espaços de diálogo e de se conscientizar cada indivíduo para que este se reconheça enquanto agente social para a mudança.

Referências Bibliográficas

- Aboim, S., Wall, K., & Cunha, V. (2010). *A Vida Familiar No Masculino: Negociando Velhas E Novas Masculinidades. Género, Família E Mudança Em Portugal*. Lisboa: Comissão Para A Igualdade No Trabalho E No Emprego (CITE).
- Adaid, F. (2020). Uma Discussão Sobre O Falocentrismo E A Homofobia. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 27(1), 73-80.
<https://doi.org/10.35919/Rbsh.V27i1.123>
- Almeida, M. V. De (1995). *Senhores De Si: Uma Interpretação Antropológica Da Masculinidade*. Lisboa: Etnográfica Press.
- Alves, J. L. D. S. (2020). Masculinidades Em Debate: A Metrossexualidade No Espectro Entre A Subalternidade E A Hegemonia. *Diversidade E Educação*, 7(2), 197–223.
<https://doi.org/10.14295/De.V7i2.9632>
- Amâncio, L. (1993). Género – Representações E Identidades. *Sociologia - Problemas E Práticas*, 14, 124-140.
- Amaro, H. D., Alvarez, M. J., & Ferreira, J. A. (2021). Manifestação Do Duplo Padrão Sexual Nas Sociedades Ocidentais (2011-2017): Uma Revisão Abrangente. *Revista Crítica De Ciências Sociais*, (124), 53–78. <https://doi.org/10.4000/Rccs.11509>
- Andrêo, C., Peres, W. Siqueira, T., André M. P., & Souza, L. L. (2016). Homofobia Na Construção Das Masculinidades Hegemônicas: Queerizando As Hierarquias Entre Gêneros. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 16(1), 46-67.
- Araújo, I. L. (2001). *Linguagem E Realidade: Do Signo Ao Discurso* [Tese Apresentada No Curso De Pós-Graduação Em Estudos Linguísticos, Universidade Federal Do Paraná]. Repositório Digital Institucional Da UFPR (RDI/UFPR).
- Badinter, E. (1992). *XY: Sobre A Identidade Masculina*. Nova Fronteira.
- Baker C. D & Johnson G. (1998) Interview Talk As Professional Practice. *Language And Education*, 12(4), 229-242. <https://doi.org/10.1080/09500789808666751>
- Ben Salah, H., Deslauriers, J.M., & Knüsel, R. (2017). Proposing A New Approach To The Research On Men's Organizations. *The Journal Of Men's Studies*, 25(1), 92–111.
<https://doi.org/10.1177/1060826516641373>
- Bento, B. (2015). *Homem Não Tece A Dor: Queixas E Perplexidades Masculinas* (2nd Ed.). EDUFRN - Editora Da UFRN.
- Borges, M. T., & De Tilio, R. (2018). Consumo De Pornografia Mediática E Masculinidade. *Revista Periódicus*, 1(10), 427–445. <https://doi.org/10.9771/Peri.V1i10.25851>
- Bourdieu, P. (2012). *A Dominação Masculina* (11th Ed.). Bertrand Brasil.

- Braun, V., Clarke, V. (2006). Using Thematic Analysis In Psychology. *Qualitative Research In Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brecher, E. M. (1970). Review Of Human Sexual Inadequacy, By W. H. Masters & V. E. Johnson. *The Journal Of Sex Research*, 6(3), 247–250.
- Budgeon, S. (2015). Theorizing Subjectivity And Feminine Embodiment: Feminist Approaches And Debates. *Handbook Of Children And Youth Studies*, 30, 243-56.
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. Routledge.
- Câmara, A. P. (2007). *Gênero E Sexualidade Na Revista Sexy: Um Roteiro Para A Masculinidade Heterossexual* [Dissertação De Mestrado Apresentada Ao Programa De Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul].
- Carrigan, T., Connell, B., & Lee, J. (1985). Toward A New Sociology Of Masculinity. *Theory And Society*, 14(5), 551-604.
- Carvalho, A. A. (2018). *Em Defesa Do Erotismo - A Favor Da Liberdade E Saúde Sexual* (1st Ed.). Saída De Emergência.
- Carvalho, M. R. S. (2012). *A Sexualidade Na Terceira Idade: Estudo De Caso Num Centro Comunitário Da RAM* [Dissertação De Mestrado Em Ciências Da Educação]. Universidade Da Madeira.
- Casadei, E. B. (2020). Novas Masculinidades, Afetos Positivos E Consumo: A Reiteração Da Palavra Masculinidade No Jornal Do Brasil De 1970 A 2010. *ECCOM: Educação, Cultura E Comunicação*, 11(21), 267–278.
- Ceccarelli, P. R. (2013). Reflexões Sobre A Sexualidade Masculina. *Reverso*, 35(66), 83-92.
- Ceccarelli, P. R. (2013). Reflexões Sobre A Sexualidade Masculina. *Reverso*, 35(66), 83- 92.
- Climaco, D. (2008). Das Transformações Da Dominação Masculina. *Cadernos Pagu*, 30, 437–443. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000100024>
- Connell R. W. (2005). *Masculinities*. (2d Ed.) University of California Press.
- Connell, R. W. (1987). *Gender And Power: Society, The Person and Sexual Politics*. Stanford University Press.
- Connell, R. W. (1995). *Políticas Da Masculinidade*. Educação e Realidade.
- Connell, R. W. (2000). *The Men and The Boys*. University Of California Press.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade Hegemônica: Repensando O Conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1). <https://doi.org/10.1590/S0104026x2013000100014>
- Connell, R., And J. Wood. (2005). Globalization And Business Masculinities. In R. Connell

- (Ed). *Men And Masculinities*, 7(4) (pp.347-364).
<https://doi.org/10.1177/1097184X03260969>
- Correia, A. M. (2009). *Assimetrias De Género*. Ensino e Liderança Educativa.
- Correr, R., & Souza, A. P. V. D. (2016). Expressões Da Sexualidade: Estudo A Partir Da Construção Da Masculinidade Em Estudantes Do Ensino Médio. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 10(6), 1545–1560.
<https://doi.org/10.21723/Riaee.V10i6.8336>
- Correr, R., & Souza, A. P. V. D. (2016). Expressões Da Sexualidade: Estudo A Partir Da Construção Da Masculinidade Em Estudantes Do Ensino Médio. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 10(6), 1545–1560.
<https://doi.org/10.21723/Riaee.V10i6.8336>
- Cunha, R. B., Rebello, L. E. F. D. S., & Gomes, R. (2012). Como Nossos Pais? Gerações, Sexualidade Masculina E Autocuidado. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 22(4), 1419–1437. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000400009>
- De Beauvoir, S. (1949). *The Second Sex*. New York: Penguin
- De Matos, M. I. S. (2001). Por Uma História Das Sensibilidades: Em Foco A Masculinidade. *História: Questões & Debates*, 34(1), 45-63.
- Dench, G. (1997). *Rewriting The Sexual Contract*. Transaction Publishers.
- Dess, N., Marcek, J., Bell, L. (2018). *Gender, Sex, & Sexualities. Psychological Perspectives*. Oxford University Press.
- Diamond, J. (1997). *Why Is Sex Fun?: The Evolution Of Human Sexuality*. Basic Books.
- Escaleira, B. R. B. (2020). *Não Tenhas Medo De Ser: Corpo, Transgressão E Liberdade Na Poesia Erótica De Maria Teresa Horta E Olga Savary*. [Dissertação Apresentada Ao Programa De Pós-Graduação Em Estudos Comparados De Língua Portuguesa]. Universidade De São Paulo.
<https://doi.org/10.11606/D.8.2020.Tde02032021185420>
- Fausto-Sterling, A. (1997). How To Build A Man. In R. N. Lancaster & M. Di Leonardo (Eds.), *The Gender Sexuality Reader: Culture, History, Political Economy* (pp. 244–248). Routledge.
- Ferreira, C. A. A., & Queiroz Ribeiro, F. De F. M. (2019). Masculinidades: uma análise sob a perspectiva interacionista-discursiva. *Revista Expectativa*, 18(1), 1–16.
<https://doi.org/10.48075/Revex.V18i1.20909>
- Ferreira, C.A., & Ribeiro, F.D. (2019). Masculinidades: uma análise sob a perspectiva interacionista-discursiva. *Revista Expectativa*, 18, 1-16.
<https://doi.org/10.48075/Revex.V18i1.20909>

- Fialho, F. M. (2006). *Uma Crítica Ao Conceito De Masculinidade Hegemônica*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa.
- Firmino, F. H., & Porchat, P. (2017). Feminismo, Identidade E Gênero Em Judith Butler: Apontamentos A Partir De “Problemas De Gênero”. *Doxa: Revista Brasileira De Psicologia e Educação*, 19(1), 51–61. <https://doi.org/10.30715/Rbpe.V19.N1.2017.10819>
- Flecha, R., Puigvert, L., & Ríos, O. (2013). The New Masculinities and The Overcoming of Gender Violence. *International And Multidisciplinary Journal of Social Sciences*, 2(1), 88-113. <https://doi.org/10.4471/Rimcis.2013.14>
- Francisco, A.H.D.S (2015). Super-Sexo: A Influência Do Filme Pornográfico No Comportamento Sexual Masculino. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 26(2). <https://doi.org/10.35919/Rbsh.V26i2.130>
- Gagnon, J. H. (2006). *Uma Interpretação Do Desejo*. Editora Garamond.
- Gallop, J. (2001). Além Do Falo. *Cadernos Pagu*, 267-287.
- Gardiner, J. K. (2005). Men, Masculinities, And Feminist Theory. In R. W. Connell, J. Hearn, M. S. Kimmel (Eds.) *Handbook Of Studies On Men And Masculinities* (pp.35-51). Sage Publications
- Gomes, R. (2011). *A Sexualidade Masculina Em Foco. Saúde Do Homem Em Debate*. Rio De Janeiro: Fiocruz, 145-156.
- Graça, R. (2016). Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos. *Revista Perspectiva Filosófica*, 43(1).
- Grave, A. (2016.). *Desidentificações De Gênero: Discursos E Práticas* [Dissertação De Mestrado Apresentada No Mestrado Integrado De Psicologia]. Universidade Do Porto.
- Grave, R. G., Oliveira, J. M. D., & Nogueira, C. (2019). Desidentificações De Gênero: Performances Subversivas. *Ex aequo* (40), 89-104
- Grave, R., Teixeira, T., M. Teixeira, P., M. Marques, A., & Nogueira, C. (2020). A Meta-Synthesis About the Study Of Men’s Sexual Behavior Through The Lens Of Hegemonic Masculinity. *Psicologia*, 34(2), 225–244. <https://doi.org/10.17575/Psicologia.V34i2.1661>
- Grossi, M.P. (1993). Enfoque De Gênero Na História Social. *Revista Estudos Feministas* 1(1), 215-216.
- Guerra, V. M., Scarpati, A. S., Duarte, C. N. B., Silva, C. V. D., & Motta, T. A.. (2014). Ser Homem É... : Adaptação Da Escala de Conceções Da Masculinidade. *Psico-USF*, 19(1), 155–165. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100015>

- Hansen, K. A. (2022). The Ambiguity Of ‘New’ masculinities: Zayn Malik and Disordered Eating. *Celebrity Studies*, 13(3), 470-474. <https://doi.org/10.1080/19392397.2019.1639975>
- Howson, R. (2006). *Challenging Hegemonic Masculinity*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203698921>
- Jesus, D. M. D. (2014). Educados No Sexo Neutro: A Construção Discursiva De Sexualidade E De Gênero Em Um Texto Da Revista Veja. *Revista Brasileira De Linguística Aplicada*, 14(3), 613–634. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982014005000018>
- Keller, D., & De Araújo, D. C. (2017). Masculinidades: Identidade Narrativa, Performance e Diagramas De Marginalização. *Caderno Espaço Feminino*, 30(1). <https://doi.org/10.14393/Cef-V30n1-2017-17>
- Kimmel, M. S. (2001). Masculinities And Femininities. In N. J. Smelser & B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia Of The Social And Behavioral Sciences*. (Pp. 93189321). Elsevier.
- Kimmel, M. S. (2016). Masculinity As Homophobia Fear, Shame, And Silence In The Construction Of Gender Identity. In P.S Rothenberg, (Ed). *Race, Class, And Gender in The United States* (pp. 59-70). Worth Publishers.
- Kimmel, M. S.. (1998). A Produção Simultânea De Masculinidades Hegemônicas E Subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103–117. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- Leite, G., & Jesus, G. (2021). *Homem E Masculinidade: Um Constructo De Virilidade Refletida Em Um Mal-Estar Coletivo*. [Dissertação De Mestrado Apresentada No Curso De Psicologia]. Universidade São Judas Tadeu.
- Leiva, K. (2019). Deconstruction Or Destruction Of Men And Masculinity? Discourses Of Gender Rearrangements. *Feminist Debate*, 58, 98-122. <https://doi.org/10.22201/Cieg.2594066xe.2019.58.05>
- Lips, H. (1991). *Women, Men And Power*. Mayfield Pub Co.
- Macinnes, J. (1998). *The End Of Masculinity* (1st Edition). Open University Press.
- Marín, J. G. (2018). *Novas Masculinidades- O Feminismo A (De)Construir O Homem* (1st Ed.). Através.
- Marques De Paula, R. C., & Niemeyer Da Rocha, F. (2020). Os Impactos Da Masculinidade Tóxica No Bem-Estar Do Homem Contemporâneo. *Revista Mosaico*, 10(2Sup), 82–88. <https://doi.org/10.21727/Rm.V10i2sup.1835>
- Marques, A. M. (2011). *Masculinidade E Profissões: Discursos E Resistências* (1st Ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

- Marques, F. Z. C., Chedid, S. B., & Eizerik, G. C. (2012). Resposta Sexual Humana. *Revista De Ciências Médicas*, 17(3/6), 175-183.
- Marques, N. (2021). *Os Homens Também Choram* (1st Ed.). Fundação Francisco Manuel Dos Santos.
- Matos, M. I. S. (2001). Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. *História: Questões & Debates*, 34(1). <https://doi.org/10.5380/His.V34i0.2658>
- Messner, M. (1998). The Limits Of “The Male Sex Role”. *Gender & Society*, 12, 255 -276.
- Millett, K. (1970). *Sexual Politics*. New York: Doubleday
- Moita Lopes, L. P. Da. (2020). Discurso, Corpo E Identidade: Masculinidade Hegemônica Como Comunidade Imaginada Na Escola. *Gragoatá*, 6(11), 207-226.
- Morin, S. F., & Garfinkle, E. M. (1978). Male Homophobia. *Journal Of Social Issues*, 34(1), 29-47. <https://doi.org/10.1111/J.1540-4560.1978.Tb02539.X>
- Moura, R. F., & Medeiros, C. R. O. (2014). Desafiando A Heteronormatividade: Interpretações Sobre Manifestações Das Organizações A Favor Da Diversidade Sexual. *Anais Dos Seminários Em Administração FEA/USP*.
- Nogueira, C. (2001). Construcionismo Social, Discurso E Género. *Psicologia*, 15(1), 43–65. <https://doi.org/10.17575/Rpsicol.V15i1.490>
- Oliveira, P. P. (1998). Discursos Sobre A Masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, 91- 112. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Ozyegin, G. (2018). Rethinking Patriarchy Through Unpatriarchal Male Desires. In, J. Messerschmidt, P. Yancey Martin, M. Messner, & R. Connell, *Gender Reckonings. New Social Theory And Research* (pp. 233-253). New York University Press.
- Pimenta, S. M. D. O., & Natividade, C. (2012). Humano, Demasiadamente Humano: Sobre Emoções E Masculinidade. *DELTA: Documentação De Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, 28(Spe), 605–637. <https://doi.org/10.1590/S010244502012000300009>
- Pina Cabral, J. (2000). A Difusão Do Limiar: Margens, Hegemonias E Contradições. *Análise Social*, 34(153), 865–892.
- Ribeiro, C. R., Russo, J. A., & Rohden, F. (2013). Uma Nova Pedagogia Da Sexualidade Para Homens: Discursos Midiáticos E Suas Reverberações. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 23(2), 461–488. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000200008>
- Ribeiro, F., & Santos, C. (2018). *O Que É Ser Masculino: Um Estudo Sobre A Crise E As Marcas Da Masculinidade*. XXI Semead.

- Rich, A. (2012). Heterossexualidade Compulsória E Existência Lésbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05).
- Rodrigues, I. I. M. (2016). *Diferenças De Género Em Variáveis Sócio-Emocionais* [Dissertação De Mestrado Em Psicologia Clínica E Da Saúde]. Universidade Da Beira Interior.
- Rosostolato, B. (2019). Alexitimia e Masculinidades. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 30(2), 55–64. <https://doi.org/10.35919/Rbsh.V30i2.92>
- Salles, A. C. T. C., & Ceccarelli, P. R. (2010). A Invenção Da Sexualidade. *Reverso*, 32(60), 15-24.
- Santos, L. (2015). Homens E Expressão Emocional e Afetiva: Vozes de Desconforto Associadas a Uma Herança Instituída. *Configurações*, 15, 31–48. <https://doi.org/10.4000/Configuracoes.2593>
- Santos, L. (2018). Linguagem, Sexualidade E Educação: Pela Mão De Eddy Bellegueule Sisyphus. *Sisyphus-Journal Of Education*, 6(1), 32–78.
- Santos, L. (2020). Men Behind The Mask: The Epistemology Of Difference. In B.E Grau & C.P Vieira (Eds), *Sexualities, Gender And Violence: A View From The Iberian Peninsula. Human Rights Contemporary Issues and Perspectives* (pp.159-170). New York: Nova Science Publishers.
- Seffner, F. (2003). *Derivas Da Masculinidade: Representação, Identidade E Diferença No Âmbito Da Masculinidade Bissexual* [Tese De Doutorado No Programa De PósGraduação Em Educação]. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.
- Senra, A. M. M. (2013). *Sexualidade Na Terceira Idade: Conhecimentos E Atitudes De Cuidadores Formais De Pessoas Idosas* [Dissertação De Mestrado Em Gerontologia Social]. Instituto Politécnico De Castelo Branco.
- Shepherd, M. (1997). *Re-Thinking Masculinity: Discourses Of Gender And Power In Two Workplaces* [Dissertação De Mestrado Em Filosofia]. Universidade De Sheffield.
- Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades E Sofrimento Mental: Do Cuidado Singular Ao Enfrentamento Do Machismo?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(10), 4613–4622. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>
- Silva, S. G. D. (2006). A Crise da Masculinidade: Uma Crítica À Identidade De Género E À Literatura Masculinista. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 26(1), 118–131. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>
- Silva, S. G. D. (2020). O Conflito Identitário. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 10(1), 70-85. <https://doi.org/10.35919/Rbsh.V10i1.689>
- Soares, M. (2020). *“Homens De Verdade”: (Des)Construção De Masculinidades De Homens Trans* [Dissertação De Mestrado Em Psicologia Do Comportamento Desviante E Da Justiça]. Universidade Do Porto.

- Sousa, A. (2013). *Intimidade E Sexualidade: Um Estudo Qualitativo Com Mulheres Idosas* [Dissertação De Mestrado Em Gerontologia Social]. Instituto Politécnico Viana Do Castelo.
- Souza, E., & Souza, C. (2021). A Construção Da Identidade Masculina Na Pós-Modernidade: Novas Perspectivas A Partir Do Fraldário Masculino. *Polêmica- Revista Eletrônica Da UERJ*, 20(3), 116–141. <https://doi.org/10.12957/Polemica.2020.63489>
- Tilio, R. (2001). *Masculinidades Hegemônicas E Subalternas: Uma Análise Sócio-Discursiva De Uma História De Vida* [Dissertação De Mestrado No Programa Interdisciplinar De Linguística Aplicada]. UFRJ.
- Vale De Almeida, M. (1995). *Senhores De Si. Uma Interpretação Antropológica Da Masculinidade*. Etnográfica Press. <https://doi.org/10.4000/Books.Etnograficapress.459>
- Vale De Almeida, M. (2018). Gênero, Masculinidade E Poder: Revendo Um Caso Do Sul De Portugal. *Anuário Antropológico*, 20(1), 161–189.
- Visser, J. M. H. (2015). *Playing The System, Not The Man: A Rhetorical Investigation Of Masculinities In Its Social Context* [Dissertação De Doutorado Em Teologia]. Universidade De Stellenbosch.
- Voks, D. J. (2021). Virilidade E Os Discursos Masculinistas: Um “Novo Homem” Para A Sociedade Brasileira. *Sexualidad, Salud Y Sociedad*, 37. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.Sess.2021.37.E21204a>
- W. Messerschmidt, J. (2018). *Hegemonic Masculinity: Formulation, Reformulation, And Amplification*. Rowman & Littlefield Publishers.

Anexo 1

Entrevista semiestruturada

A(s) masculinidade(s) são um processo em construção e tem vindo a ser alvo de diversos estudos e reformulações. À medida que as sociedades evoluem, a forma como se vive o masculino e o feminino, enquanto construção social, também tende a mudar.

Gostava de explorar consigo algumas crenças associadas ao masculino e como estas se relacionam com as outras formas de masculinidade que têm vindo a ganhar espaço na nossa sociedade.

Relembro que todas as informações partilhadas ao longo da entrevista serão confidenciais e reforço que, neste espaço, não existem respostas corretas nem respostas erradas.

Entrevista:

- 1) Gostaria de começar por lhe perguntar com que género se identifica.
- 2) E o que significa para si ser masculino? Que adjetivos usaria para o descrever?
- 3) O que o faz sentir masculino? A masculinidade é algo que tem presente diariamente? É uma preocupação sua? Porquê?
- 4) Vê o masculino como necessariamente o oposto ao feminino? Porquê?
- 5) E que tipo de crenças/valores associadas à masculinidade estiveram presentes ao longo do seu desenvolvimento pessoal? Consegue descrever?
- 6) Considera que a forma como se vê hoje continua a assemelhar-se à forma de ser masculino que se manifestava ao longo do seu crescimento?
- 7) Acha que a sua forma de se ser masculino era muito diferente entre o seu grupo de amigos?
- 8) Hoje em dia podemos identificar diferentes tipos de masculinidade. Algum(s) em particular que conheça?
 - a) Identifica-se com algum que conheça? Como descreveria?
- 9) Houve algum evento de vida que o fez repensar a sua imagem pessoal como homem e a sua masculinidade? Consegue partilhar/descrever?
- 10) Que aspeto considera ter sido o mais desafiante/difícil de gerir com a sua definição pessoal de masculinidade?
- 11) O que gostava que fosse diferente na masculinidade?

- 12) E ser masculino é ser, necessariamente, heterossexual?
- 13) O que significa para si sexualidade?
- 14) Ser sexualmente ativo assume um peso relevante na sua identidade enquanto homem?
- 15) E prazer sexual?
 - a) Ter prazer é sinónimo de penetração e ejaculação?
 - b) Qual o papel do orgasmo na sua vivência sexual?
- 16) A capacidade de manter uma ereção é algo que o preocupa nas suas relações sexuais?
Porquê?
- 17) Acha que as disfunções eréteis podem pôr em causa a masculinidade?
- 18) Acha que o foco na performance pode de alguma forma colocar em segundo plano o prazer que sente e/ou proporciona?
- 19) No processo da construção da sua identidade sexual, que papel assumiu/assume o consumo de pornografia?
- 20) Por fim, acha que a sexualidade vai se transformando à medida que se envelhece? Que aspetos acha que se mantêm constantes e quais sente que se alteram?

Anexo 2

Consentimento Informado

A presente investigação realiza-se no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, pela estudante Daniela Sá, sob a orientação da Professora Doutora Sara Magalhães e (co)orientação do Professor Doutor Luís Santos, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O estudo visa compreender a relação entre as diferentes formas de ser se masculino e a vivência sexual, contemplando homens cisgénero com idades iguais ou superiores a 35 anos.

A recolha de dados pressupõe a gravação áudio de uma entrevista semiestruturada, com transcrição posterior, integral ou parcial, em formato texto. A duração da entrevista é variável, dependendo do que é partilhado, mas poderá ter aproximadamente entre 30/ 45 minutos. Todos os dados recolhidos serão tratados de acordo com as disposições do Regulamento Geral de Proteção de Dados, em vigor desde dia 25 de maio de 2018, pelo que a confidencialidade das suas partilhas é lhe assegurada.

O uso das informações recolhidas destina-se ao âmbito exclusivo da investigação em curso podendo ser posteriormente utilizadas para efeitos de publicação científica, com a garantia da manutenção do sigilo e anonimato.

A participação neste estudo é voluntária podendo ser interrompida a qualquer momento se tal for solicitado, sem qualquer prejuízo.

Caso solicite poderá também ter acesso à transcrição da sua entrevista, bem como às publicações resultantes desta investigação.

Se após a sua participação neste estudo necessitar de falar com um profissional ou pretender esclarecimentos adicionais, poderá contactar os investigadores através do e-mail: up201709240@up.pt

Tem alguma dúvida sobre as informações transmitidas? Concorda em colaborar nesta investigação?

Selecione (“Sim”) caso pretenda continuar. Selecione (“Não”) caso não pretenda participar.